



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas
2012

**Gonçalo Manuel
Andrade de
Almeida**

**O impacto da fábrica Renault na freguesia
de Cacia**



Universidade de Aveiro
2012

Departamento de Línguas e Culturas

**Gonçalo Manuel
Andrade de
Almeida**

O impacto da fábrica Renault na freguesia de Cacia

dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas e Relações Empresariais, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Gillian Grace Owen Moreira, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo inquestionável e incansável apoio.

o júri

presidente

Prof. Doutora Maria Teresa Costa Gomes Roberto
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Anabela Valente Simões
Professora Adjunta da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda da
Universidade de Aveiro (Arguente)

Prof. Doutora Gillian Grace Owen Moreira
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora).

agradecimentos

Aos meus irmãos Luís e Inês, e cunhada, Susana pelo alento demonstrado

À Professora Doutora Gillian Moreira pela orientação e paciência, e à Professora Doutora Teresa Roberto pelo apoio prestado

À Renault de Cacia e à Junta de Freguesia de Cacia pela iniciativa prestada

À minha amiga Maria Tiago pelo apoio constante

À minha turma de Mestrado, pelos dois magníficos anos passados

Ao André Mosqueira, pela sua constante presença, amizade e companheirismo

palavras – chave

Impacto; cultural; cultura; língua; Freguesia de Cacia; fábrica Renault.

resumo

No âmbito da implantação da Fábrica Renault CACIA – Companhia Aveirense de Componentes Industriais para a Indústria Automóvel – este trabalho pretende analisar o impacto cultural que a empresa teve, desde o início das suas atividades (Setembro de 1981) até aos dias de hoje, na freguesia de Cacia. Procedeu-se à caracterização da freguesia, atendendo-se à sua caracterização global antes da implantação da empresa e posterior análise das alterações decorrentes da sua implantação e permanência na Freguesia. O objetivo global deste trabalho foi caracterizar as alterações, nomeadamente na população, na comunidade residente na freguesia de Cacia. Por outro lado, tendo em consideração o parque industrial tipicamente português, já existente em Cacia, procurou-se compreender quais as consequências da implantação de uma empresa, de cariz internacional, com uma cultura empresarial diferente.

keywords

Cultural impact; culture; language; Parish of Cacia; Renault factory.

abstract

In the context of the establishment of the Renault Factory – CACIA (Aveiro Company of Industrial Components for the Automotive Industry), this study aims to analyze the cultural impact of this company, since the beginning of its activities (September 1981) to the present day, on the local community in the parish of Cacia, Aveiro. An overall characterization of the parish prior to the implantation of the company is provided, and further analysis of the changes arising from the implementation and permanence of this company in the parish is made. The overall objective of this study is to characterize changes in population, in the resident community, in the parish of Cacia. Taking into consideration the typically Portuguese industrial park, which already existed in Cacia, the consequences of the deployment of an internationally oriented company, with a different corporate culture, are also addressed.

mots-clés

Impact culturel; culture; langue; Commune de Cacia; Usine Renault.

resumé

Dans le contexte de CACIA- Companhia Aveirense de Componentes Industriais para a Industria Automóvel (Compagnie d'Aveiro de composants industriels destinés à l'industrie automobile)- ce travail a pour objectif d'analyser l'impact culturel que l'entreprise a eu dans la commune de CACIA depuis le début de son activité (Septembre en 1981), jusqu'à aujourd'hui. Pour cela, une caractérisation de la commune a été faite avant l'implantation de l'entreprise et une autre après son arrivée, prenant en compte la situation culturelle résultant de son implantation et de sa présence dans la commune. Le principal objectif de ce travail a été de définir les changements survenus dans la population et, plus particulièrement, sur les habitants de la commune de Cacia. D'un autre côté, prenant en compte que le parc industriel, typiquement portugais, existait déjà à Cacia, il était intéressant d'essayer de comprendre quelles ont été les conséquences de l'implantation d'une usine, à caractère international, avec une culture d'entreprise différente.

Índice

1. Introdução	11
2. Cultura, Linguagem e Língua.....	15
2.1. Cultura, multiculturalismo e cultura organizacional	15
2.2. A língua e a fala	18
2.3. Linguagem como um espelho da cultura.....	19
2.4. A importância da Língua Francesa em Portugal	20
3. História e origem de Cacia	22
3.1. Cacia.....	24
3.1.1. Cacia – A mudança	24
4. Estudo de campo: O impacto provocado pela presença da Empresa Renault-Cacia.....	28
4.1. A implantação da empresa Renault	28
4.2. Metodologia de investigação.....	31
4.3. Apresentação e discussão dos resultados obtidos.....	33
4.3.1. Resultados obtidos através de entrevista	34
4.3.2. Análise de dados do INE	46
5. Conclusões	51
Bibliografia	56
Referências da Internet.....	57
Anexos.....	58
Anexo 1: Dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística.....	58
Anexo 2 – Guião para entrevista para o representante do Poder Político e Social.....	69
Anexo 3 – Guião para entrevista para o Representante do Poder Empresarial e da Comissão de Trabalhadores da Renault - Cacia.....	70
Anexo 4: Resultados das entrevistas feitas ao representante do Poder Político e Social	71
Anexo 4.1.: Transcrição da entrevista com o representante do Poder Político e Social.....	71
Anexo 4.2.: Representante do poder de empresa e da Comissão de Trabalhadores da Renault - Cacia.....	76

Índice de Quadros

Quadro 1 – Visão do lado empresarial.....	34
Quadro 2 – Visão do Poder Político e Social.....	36
Quadro 3 – Categoria e registo das palavras-chave retiradas de análises das entrevistas.....	39
Quadro 4 – Trabalhadores por conta própria e conta de outrem por ramo de atividade (ano 1990).....	53

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Totalidade de referências feitas pelos dois representantes às palavras-chave sobre o impacto da implantação e presença da empresa Renault.....	45
Gráfico 2 – Registo de cada palavra-chave pelo representante do Poder Político e Social.....	45
Gráfico 3 – Registo de cada palavra-chave pelo representante do Poder Empresarial..	46
Gráfico 4 – Distribuição por sexos e totalidade da população no ano 1970.....	47
Gráfico 5 – Distribuição por sexos e totalidade da população no ano 1980.....	47
Gráfico 6 – Distribuição por sexos e totalidade da população no ano 1990.....	48
Gráfico 7 – Número de alojamentos na década de 1980.....	49
Gráfico 8 – Número de alojamentos na década de 1990.....	49
Gráfico 9 – Distribuição de população trabalhadora.....	54

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Dados relativos a habitações; alojamentos; famílias; e população, antes da implantação da unidade fabril.....	58
Tabela 2 - Números relativos a alojamentos; famílias, população presente e população residente por lugares.....	58
Tabela 3 – População residente e presente, segundo o sexo por freguesias.....	59
Tabela 4 – Pessoas a viver em família; famílias e núcleos familiares (concelho de Aveiro).....	59
Tabela 5 – População residente, com atividades económicas a exercer uma profissão, segundo a situação na profissão, por profissões e sexo, no distrito de Aveiro.....	60
Tabela 6 – População residente, com atividades económicas a exercer uma profissão, segundo a situação na profissão, por ramos de atividade e sexo, no distrito de Aveiro.	63
Tabela 7 – Números relativos à população residente; população presente; famílias; núcleos familiares; alojamentos e edifícios.....	66
Tabela 8 – Alojamentos familiares e coletivos, ocupados, segundo o tipo de alojamento no concelho de Aveiro.....	66
Tabela 9 – Famílias, segundo a sua dimensão, pelo número de desempregados na família (a nível distrital).....	67
Tabela 10 – População residente; população presente; famílias; núcleos familiares; alojamentos e edifícios por freguesia.....	68
Tabela 11 – População residente em 1981 e 1991, segundo grupos etários e lugares com 2000 ou mais habitantes e população com atividades económicas.....	68
Tabela 12 – População residente economicamente segundo a condição perante o trabalho e sexo, taxas de atividade e desemprego por concelho.....	68

1. Introdução

O tema “impacto da implantação de uma empresa” e especificamente os efeitos resultantes desta, remetem-nos para um estudo da forma como se realiza esta implantação, os seus contornos e a sua manutenção no mesmo local. Quais as premissas para a implementação, as consequências desta e os conceitos que lhe estão subjacentes são extremamente importantes para este estudo.

A implementação de empresas multinacionais ou transnacionais implica a noção de globalização económica e social, que está a derrubar fronteiras, ultrapassando diferentes línguas e costumes e criando um mundo inteiramente novo e diferente.

Este estudo de investigação visa uma análise sobre o impacto da implantação e manutenção da empresa Renault-Cacia em Cacia, tendo em consideração esta freguesia e as consequências da implantação e posterior presença permanente da Renault, empresa multinacional de grandes dimensões e com uma cultura organizacional muito específica. Procura-se conhecer principalmente a forma como a freguesia se modificou com a implementação e manutenção desta empresa no local, visando áreas como a população, alojamentos, aparecimento de novos serviços e as mudanças ocorridas na cultura e na sociedade.

A Renault não terá sido a primeira empresa a instalar-se em Cacia, foi, no entanto, a maior e mais internacional que aí se instalou. Inicialmente Cacia possuía um parque industrial de cariz português, com indústria desenvolvida a nível do papel e da celulose, mas incipiente no que diz respeito à produção e distribuição de componentes industriais do ramo automóvel.

Relações existentes e iniciadas pela implementação da empresa fazem com que esta investigação se debruce sobre as ligações entre cultura e língua, nas relações interculturais, tomando em consideração o desenvolvimento socioeconómico e demográfico da comunidade local na altura da chegada da Fábrica Renault. Doise (1972) verificou que os investigadores sociais tinham necessidade de identificar e estudar os processos incluídos na análise do macrocosmo, integrando os conceitos abrangentes de cultura, língua, linguagem e modificações económico-sociais.¹ Nesta análise do macrocosmo, a nossa opção recaiu sobre o tema já antes identificado, um estudo de investigação sobre o impacto na freguesia de Cacia da empresa Renault,

¹ Doise, W (1972). Relations et Représentations inter-group, in S. Moscovici (ed). *Introduction à la psychologie sociale* (vol.2) Larousse, Paris.

principalmente a nível do aumento da população, dos alojamentos da mesma, da alteração das formas de subsistência e ainda as modificações geradas nas relações grupais.

É principalmente na cultura local que o impacto da implantação da Fábrica Renault na freguesia de Cacia pode ser visto e, por isso, este trabalho tem também que definir o conceito de cultura e como esta se compõe de uma multiplicidade de fatores.

Pretende-se explorar uma realidade conhecida na prática, quer por quem trabalha em empresa, quer por elementos do exterior. Fatores como alterações na população, na sua forma e modo de vida e diferentes experiências interpessoais e culturais interferiram com um modo de vida típico da freguesia em questão.

As informações recolhidas para esta investigação foram encontradas em documentos publicados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) e por entrevistas a pessoas chave, representativas de uma população e com visões diferentes que levam a uma reflexão sobre essas mesmas mudanças, quer pelo efeito positivo, quer pelo negativo.

Assim, este trabalho é constituído por um conjunto de 5 capítulos, sendo que o capítulo 1, sob a designação de introdução leva-nos a indicações sobre o que se vai realizar neste trabalho. Trata-se de uma descrição sucinta dos restantes capítulos com ênfase no objetivo de estudo e as relações que se estabelecem entre os diferentes capítulos que constituem o trabalho.

O capítulo 2 é constituído por quatro subcapítulos, sendo que o primeiro tem a designação de Cultura. Neste é incluída a noção de cultura, multiculturalismo e cultura organizacional. Pretende-se fazer face à necessidade de definir cultura, a sua ligação ao multiculturalismo e à especificidade da cultura organizacional, através da noção de comunicação. Não foi, e não é fácil definir cultura, embora o possamos fazer tendo em atenção pontos considerados comuns. Esta definição é fundamental, uma vez que desta dependem os aspetos sobre os quais o impacto da implantação da empresa foi preponderante.

Este conceito associa-se de forma por vezes indistinta ao conceito de multiculturalismo, mas distingue-se deste pelo seu carácter universal, uma vez que o primeiro tem por base na maior parte das vezes políticas governamentais e é mais utilizado em questões das comunidades migrantes. A cultura, num dos pontos considerados como comuns para a sua definição, está intimamente ligada à língua e à fala de um povo. Estas permitem a expressão da cultura de um povo, país ou nação.

Assim, a linguagem é o “espelho” de um povo, já que exprime a sua cultura e as suas modificações ao longo da evolução que, neste caso, resultam da implantação de uma empresa. Veremos, através das entrevistas realizadas, que neste caso, e ainda que a empresa em questão seja de origem Francesa, este facto não alterou em nada a linguagem utilizada. O impacto da origem francesa não implicou a adoção de uma nova língua neste local, nem contribuiu para a aprendizagem desta pela população local.

O capítulo 3 apresenta Cacia no aspeto histórico, na sua estruturação social, no volume populacional, na distribuição por setores de atividade, que nos interessam de sobremaneira. Recorremos, por isso, a fontes históricas, fazendo uma viagem aos primórdios da freguesia e à sua evolução ao longo do tempo, verificando as diferentes transformações provocadas por uma revolução industrial, com a introdução e implantação inicial de outro tipo de empresas e posteriormente com a implantação daquela que traria as maiores modificações.

Da análise destas evoluções e involuções, sem dúvida que teremos sempre em atenção o desenvolvimento da população, o seu crescimento e o alargar do campo de construção de alojamentos, que se operaram com a implementação desta empresa designada por Renault-Cacia.

Este capítulo contém ainda informações dedicadas à implantação e presença da Renault na freguesia de Cacia: a sua evolução em termos de empregabilidade (isto é, o seu início com trabalhadores já presentes noutras empresas que entraram em decadência), o aumento gradual, o crescente nível de formação dos seus trabalhadores, a evolução do próprio vestuário dos funcionários, e a sua relação com a hierarquia. Explana-se ainda o desenvolvimento das infraestruturas ao longo do tempo e o acompanhamento das preocupações ambientais, as ligações económicas da empresa e as suas parcerias com outras entidades.

O capítulo 4 é de ordem metodológica e nele são apresentadas conclusões com base nas entrevistas feitas a dois representantes chave da avaliação do processo de implantação e presença da empresa ao mesmo tempo que são avaliados os dados do INE, coincidentes com algumas das opiniões destes representantes nomeadamente no que diz respeito a alterações do número de habitantes, de novos serviços, de novas profissões e de um bem-estar maior. É um capítulo que tem duas subdivisões, em que a primeira diz respeito a uma análise aprofundada das diferentes entrevistas aos dois representantes, analisando as suas opiniões coincidentes e divergentes relativas aos assuntos abordados. Na segunda são tidos em consideração os dados recolhidos das

publicações do INE, sendo estes especificados em dois pontos fundamentais: população e alojamento.

No capítulo 5, sob designação de Conclusões, apresenta-se uma síntese conjugada dos capítulos anteriores com ênfase para as mudanças positivas operadas pela presença desta empresa na cultura e nos setores económicos e sociais de Cacia.

2. Cultura, Linguagem e Língua

2.1. Cultura, multiculturalismo e cultura organizacional

Procurando compreender os aspetos relevantes na situação em análise, optamos por abordar o conceito de multiculturalismo, dado que se trata de uma situação em que uma cultura nova veio instalar-se numa comunidade local. Surgem, desta forma, questões relacionadas com a convivência entre culturas, a adaptação das pessoas à cultura do outro, e a assimilação da cultura nova na comunidade.

O conceito de multiculturalismo nasceu nos anos setenta do século passado em países fortemente marcados pela presença de comunidades imigrantes, como o Canadá ou a Austrália, aceitando os últimos que quem chegava tinha direito a manter a sua cultura e até mesmo a sua língua, por contraste à ideologia assimilacionista do “*melting pot*” norte-americano, assente no postulado da integração e fusão numa nova identidade pós-migratória.

Podemos depreender que a noção de multiculturalismo aponta para políticas adotadas por nações que se reconhecem como multiétnicas e estabelecem o respeito pela identidade cultural das diferentes minorias como um princípio de governação.

Uma vez que o multiculturalismo tem por base diferentes políticas de diferentes estados, e a noção de cultura é universal, será importante perceber se existe ou não uma assimilação ou uma recusa de outra cultura aquando da implantação de uma empresa de um determinado país noutra. Não se trata aqui de uma deslocação total, dado que a Renault não trouxe tudo da sua origem e certamente aproveitou os recursos que já existiam, apesar de isso ter alterado a cultura, as relações entre grupos, a totalidade do microcosmos, torna-se obviamente necessário a definição de um outro conceito: cultura.

Muito se tem falado sobre a definição propriamente dita da cultura. É um termo demasiado complexo para se poder definir em fórmulas simples. Determinados fundamentos são, no entanto, considerados essenciais numa definição destas, o que se verifica na descrição/definição de Terpstra e Sarathy (2000) «(...) cultura é a soma integrada total de traços comportamentais aprendidos que são compartilhados pelos membros da sociedade.»² É um padrão total de comportamentos relacionados e

² Terpstar, V & Sarathy, R,2000. *International Marketing*. Eight edition. The Dryden press, Orlando FL

integrados. Por outro lado a cultura é um comportamento aprendido, não é biologicamente transmitido, nem uma característica hereditária. Assim sendo, a cultura é o comportamento que é compartilhado por um grupo de pessoas inseridas numa sociedade. Pode ser considerada como a forma distintiva da vida de um povo.

A cultura assenta em processos comunicacionais, de transmissão de informação (dados, ideias ou valores) ao longo do tempo e do espaço. Desta forma, torna-se evidente que a comunicação e a língua têm que ser alvo de reflexão e estudo, uma vez que são fundamentais para o conceito que pretendemos definir. Certamente encontraremos no caso estudado questões interessantes, por exemplo, o facto de a Renault usar a Língua Francesa, e ainda que isso se verificasse só a nível de Direção Empresarial, não terá tido influência nas diferentes relações estabelecidas?

A cultura é nitidamente macroeconómica mas também microeconómica, uma vez que a capacidade de comunicar em várias línguas é essencial, não só a nível pessoal mas também profissional. É com este pensamento que o fenómeno da globalização se torna tão importante nos dias de hoje. As relações entre povos de diferentes nacionalidades e culturas é cada vez mais significativa, tornando-se essencial a capacidade de trocar, expressar e defender ideias numa ou várias línguas. Sendo assim, uma língua está associada a um povo e a uma cultura. De que forma a língua francesa influenciou ou não a cultura de Cacia, será um dos aspetos que se abordarão na análise dos dados sobre a influência da empresa num determinado local.

A autora Lúcia Pacheco Oliveira destaca que “ (...) Dificilmente língua e cultura podem ser separadas. Consideramos que a língua é um dos sistemas de expressão de uma cultura e que diferentes línguas apresentam preferências que são influenciadas pela cultura”.³

Hoje vivemos num mundo em que a comunicação é fulcral para manter o contacto em vários aspetos culturais: emigrações, mobilidade profissional, meios de comunicação – media e redes sociais. O mundo está repleto de diversidade cultural e linguística, onde existem milhares de línguas. As organizações necessitam assim de conhecimentos linguísticos adequados para conseguirem atingir os seus objetivos comerciais e o sucesso empresarial. Por outro lado, o alargamento das competências comunicativas dos indivíduos assenta amplamente no aspeto civilizacional transmitido pela aquisição de uma língua estrangeira.

³ Oliveira, Lúcia Pacheco. Escolhas pedagógicas do educador e identidade cultural dos aprendizes. URL: http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v3n2/E_Lucia.pdf (consultado a 26.03.2012).

A comunicação é uma variável a ter em conta no contexto macrosocial. Por exemplo, quando se estuda a comunicação num grupo ou numa organização, é preciso atender à cultura específica de ambos, expressa nas linguagens, nas formas de fazer as coisas, nas interpretações e nos pontos de vista compartilhados.

A cultura também existe nas organizações e pode-se caracterizar por diferentes especificidades. A cultura organizacional, que neste patamar nos interessa, baseia-se em valores éticos e morais, princípios, crenças, políticas internas e externas, sistemas, e clima organizacional. São “regras” que todos os membros dessa organização devem seguir e adotar como diretrizes e premissas para guiar seu trabalho. A cultura organizacional envolve artefactos - padrões de comportamento, valores compartilhados - crenças e pressupostos - valores, verdades. Face a isto poderá conter componentes visíveis, que são sempre orientados pelos aspetos organizacionais, ou componentes ocultos, que são sempre orientados pela emoção e situações afetivas.

Esta mesma cultura organizacional, tal como a gestão das organizações, modifica-se com o tempo, já que também sofre influência do ambiente externo e de mudanças na sociedade. Também ajuda na resolução de problemas internos, diminuindo conflitos, reduzindo diferenças, fazendo o controlo da gestão, e desenvolvendo uma imagem positiva da organização na mente de quem a conhece.

Para Olins (2003), a forma das organizações é a de um triângulo, cujos três vértices são:

- a capacidade económico-financeira;
- a componente técnica e tecnológica;
- a vertente de imagem.⁴

Segundo o mesmo autor, o primeiro vértice associa-se à gestão no seu todo e os aspetos culturais e únicos da organização. O saber-estar, ao segundo vértice, o *modus operandi*. O saber-fazer, o terceiro vértice representa a capacidade de apresentação, promoção ou venda dos seus produtos, serviços ou ideias – o saber-se. Olins (2003) defende ainda que este último vértice pode e deve ser aquele que garante a ligação aos outros dois e dos outros dois, acompanhando-os e ditando-lhes caminhos para o crescimento, garantindo a coesão da estrutura organizacional.

⁴ Olins, W. 2003. *On brand*. Thames & Hudson, New York.

2.2. A língua e a fala

Sendo que a cultura se propaga por canais e modalidades diferentes e que um deles se concretiza na língua, é de todo importante e fundamental neste nível comunicacional específico, proceder a uma análise do conceito de língua. Tendo sempre em consideração que a comunicação não se esgota na forma língua, pelo contrário, abarca outro tipo de aspetos: culturais, organizacionais, sociais e pessoais.

Contudo, tendo em consideração o fator de que hoje é imprescindível a aprendizagem de diferentes línguas para a comunicação entre culturas diferentes e mesmo países com línguas diferentes, é importante esta análise de conceito.

A relação entre a língua e a fala aparece-nos, neste caso, fundamental. No caso Renault – Cacia, temos uma empresa de origem francesa, implicando uma nova língua, mas também uma nova forma de fala, pelo menos em termos de relacionamento empresarial e de práticas laborais dentro da empresa.

Ainda dentro de um âmbito mais teórico teremos que esmiuçar um pouco mais os conceitos de língua e fala. Nos contornos que se aplicam a estes dois termos específicos, os sons nada significam, tornam-se significativos quando se combinam em palavras, as mais pequenas unidades autónomas dotadas de um significado. O sistema ou conjunto organizado de palavras partilhado por um grupo humano chama-se língua ou idioma.

A língua materna é aquela que é adquirida espontaneamente pela criança através da observação dos que a rodeiam a partir do momento em que nasce e no decurso da sua primeira infância. Por determinadas razões históricas e culturais, há pessoas que falam naturalmente duas línguas, fenómeno a que se dá o nome de bilinguismo.⁵

Face ao sistema geral da língua, cada indivíduo introduz as suas próprias variantes, características da sua idiosincrasia pessoal.

A este uso particular da língua dá-se o nome de fala. Em linhas gerais, como sistema, a língua é abstrata, conservadora e dominada por regras; a fala, pelo contrário, é concreta, inovadora e tende facilmente à transgressão. É esta tensão entre língua e fala que gera o enriquecimento linguístico de uma comunidade.⁶

Segundo a autora Maria Sousa Galito:

A língua é talvez um dos elementos culturais mais fortemente relacionados com uma determinada identidade coletiva. Parece contribuir para a interação das partes que a

⁵ Enciclopédia Temática Ilustrada Didata, 1997. *Língua e Literatura*. F.G.P, Lisboa.

⁶ Sousa, J, 2006. *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. 2ª edição, Porto.

reconhecem e gerem a vida sob a sua influência. Uma língua pode ser partilhada por uma ou mais culturas. A união entre as suas gentes pode formar uma comunidade alargada. Uma comunidade que, unida em torno de um elo comum, pode empenhar-se na salvaguarda do legado que partilham.⁷

A fala é a forma mais comum e frequente para a comunicação entre duas pessoas, sendo que pode ser acompanhada por gestos, desenhos, sons, entre outros. Neste processo de análise da fala temos que recordar os elementos constantes do processo de comunicação e que estão presentes também na fala.

O ato da comunicação, ou mensagem, integra necessariamente três elementos: 1) o emissor da mensagem; 2) o recetor da mesma; 3) o signo, ou seja, a associação de um significante (o sinal sensível: palavra, gesto, desenho, etc.) a um significado (a realidade física, mental ou anímica para que remete o sinal sensível e que deve ser percebido e interpretado pelo recetor). O ser humano comunica sobretudo por meio da linguagem, este sistema de comunicação permite-lhe comunicar tudo através da combinação de uma série muito limitada de sons, ainda que em conjuntos de forma e extensão muito variadas.⁸

Coloca-se aqui uma importante questão: na implantação da Renault – Cacia, foi este problema da língua e fala considerado um aspeto importante para a transformação da cultura e da própria freguesia?

2.3. Linguagem como um espelho da cultura

Consideramos pelo atrás exposto que o idioma de um país é uma das chaves para a sua cultura.

A aprendizagem de uma língua significa aprender uma parte da sua cultura, porque as palavras da língua são apenas conceitos que refletem a cultura. Para uma empresa como a Renault – Cacia é fundamental a assimilação desta forma de cultura inserida na linguagem, uma vez que lhe vai permitir estabelecer uma comunicação correta e eficaz, com os diferentes interlocutores, quer se trate de clientes; empregados; fornecedores e líderes políticos.

Num sentido real, uma linguagem define uma cultura. Assim, se um país tem vários idiomas, tem várias culturas. Podemos avançar com exemplos mais flagrantes a nível mundial, como o caso da Bélgica que tem duas línguas nacionais, Francês no Sul e Flamengo no Norte. Essa divisão linguística remonta aos tempos de Júlio César, mas

⁷ Galito, Maria Sousa, 2006. Impacto Económico da Língua Portuguesa Enquanto Língua de Trabalho. URL:http://infoeuropa.euroid.pt/opac/?func=service&doc_library=CIE01&doc_number=000040091&line_number=0001&func_code=WEB-FULL&service_type=MEDIA (consultado em 12.09.2012).

⁸ Enciclopédia Temática Ilustrada Didata, 1997. *Língua e Literatura*. F.G.P., Lisboa.

ainda hoje as diferenças políticas e sociais existem entre os grupos de duas línguas. Outra situação que nos merece referência é o Canadá, semelhante à Bélgica, com falantes dos idiomas Inglês e Francês e grupos culturais distintos.⁹

Também muitas nações africanas e asiáticas têm um número muito maior de idiomas e grupos culturais. A África tem um décimo da população do mundo, mas um terço das suas línguas difere de vários pontos do Continente. Para comunicar nesta diversidade, as *línguas francas* foram escolhidas para a comunicação entre os grupos. Estas são pontes de idioma, geralmente a língua falada pelo grupo maior ou mais poderoso. Na antiga União Soviética, que era Russo; na Índia, é Hindi; em muitos países é a língua colonial.¹⁰ Tais situações poderiam eventualmente constituir obstáculos reais para aprender a "língua do povo". No entanto, e como sabemos, a abordagem usual nestas situações é contar com o idioma Europeu e *línguas francas* para negócios e comunicações de marketing. Conforme cita a autora, Eliane Cristine Raab Pires:

Uma vez falhado o projeto do Esperanto (língua inventada em 1887, pelo linguista polaco Ludwig Zamenhof) como língua universal e, não sendo previsível encontrar outro projeto do mesmo tipo, deve-se admitir a possibilidade de adotar uma das línguas já existentes e, na verdade, já há uma excelente alternativa: a língua inglesa.¹¹

2.4. A importância da Língua Francesa em Portugal

Continuando a ter em atenção a origem da empresa Renault – Cacia, parece importante abordar levemente a situação da língua francesa em Portugal. O fascínio que sempre se fez sentir em relação à França passa também pelo fascínio da sua língua. Naturalmente, a língua francesa faz parte do nosso imaginário linguístico.

Os contactos frequentes com as populações de origem francesa formaram em nós, portugueses, uma determinada aptidão para a aprendizagem da língua, tanto mais importante quanto maior tiver sido o nosso contacto com uma realidade e/ou cultura que considerámos superior. Por exemplo – no contexto da História Portuguesa – Neves e Almeida (1994) afirmam que:

(...) várias Cortes Portuguesas tiveram descendentes reais cuja ascendência era Francesa, e não só, se ainda considerarmos o papel do Clero e a influência das Ordens Religiosas

⁹ Europa. As línguas e a Europa. URL: <http://europa.eu/languages/pt/home> (consultado a 9.09.2012).

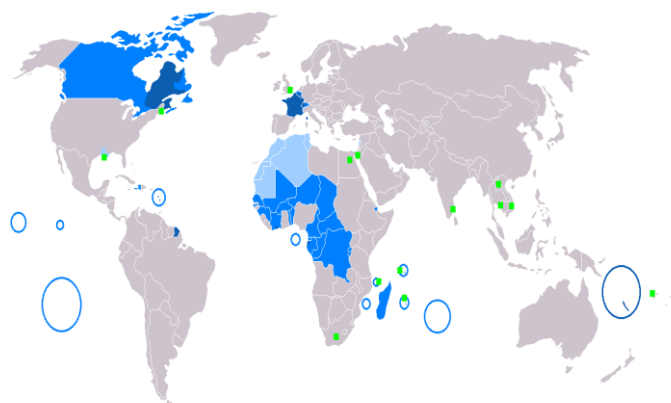
¹⁰ Ibid.

¹¹ Pires, E. 2000. A língua inglesa: uma referência na sociedade da globalização. Bragança, Instituto Politécnico de Bragança. 2002.

(...) as Ordens de Cluny e de Cister, verdadeiros porta-estandartes da França, da sua cultura e da língua francesa.¹²

A língua francesa assume, um estatuto redobrado quando, não veiculando só uma cultura, um modo de pensar e de viver; mas revela-se também o canal transmissor de outras culturas e de outros modos de perspetivar a realidade. Mesmo que a língua francesa registe apenas duzentos milhões de falantes, ela continua a ser uma das línguas estrangeiras mais ensinadas no mundo. Efetivamente, o francês encontra-se difundido pelos quatro cantos do mundo e a difusão da língua permitiu também a difusão de um determinado legado cultural e social.

O povo francês continua hoje a orgulhar-se da sua língua e de, através dela, ter legado ao mundo conceitos como a Democracia ou os Direitos Humanos, por exemplo. Obviamente que o ensino de uma língua assenta em diversos fatores de carácter cultural, político e estético que contribuem para o estabelecimento de uma determinada imagem acerca de um país.



Legenda: ■ Língua materna ■ Língua administrativa ■ Segunda língua ■ Minoria francófona ¹³

¹² Neves, A & Almeida, C, 1994. *À descoberta da História*. Porto Editora, Porto

¹³ Wikipédia. Francofonia. URL: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Francofonia> (consultado em 20.03.2012)

3. História e origem de Cacia

Cacia é considerada a freguesia mais velha do concelho da Cidade de Aveiro, sendo esta um marco histórico muito importante. Souto (1930):

De origem Românica, embora atualmente haja poucas provas dessa presença, Cacia ao longo dos séculos parece ter passado por várias fases no que diz respeito à sua cultura, quer através das gentes que ali iniciavam as suas vidas, quer pelas que iam passando pelo mesmo.¹⁴

Situada a norte do concelho de Aveiro, a freguesia de Cacia tem como limites a norte a ria de Aveiro e o rio Vouga; a oeste a freguesia de Vera Cruz; a sul a freguesia de Esgueira e a este o rio Vouga e a terra de Angeja, já no concelho de Albergaria-a-Velha. Segundo Souto (1923): «*Incorporada no concelho de Aveiro em 1853, aquando da extinção do concelho de Esgueira, do qual fazia parte. Inclui os lugares de Cacia, Vilarinho, Sarrazola, Quinta do Loureiro e Póvoa do Paço, além de parte das marinhas situadas nas margens da Ria.*»¹⁵. Tendo em atenção o objeto do nosso estudo, iremos iniciar o mesmo tentando encontrar as raízes de Cacia enquanto Freguesia. Cristo (1989) e Lima (1989): «*Uma certeza Arqueológica numa incógnita Histórica*»¹⁶.

(...) para a vida dos homens temos de interrogar o passado no que dele dura ou se renova no presente. É quanto nos resta. Só pelo que do passado em nós persiste e revive, só por esse remanescente ativo e visível poderemos conceber ou suspeitar as formas e os modos de ser daquilo que passou. (...).¹⁷

Não está esclarecida a origem do topónimo Cacia. Poderá ter origem fenícia, à semelhança do que se passa com a atual cidade francesa de Cassis, nome derivado de Qartsik, que na língua semítica significava cidade (qart) fortificada (sik). Esta designação faz sentido na medida em que Cacia, na Antiguidade, à semelhança de Cassis, teria sido uma localidade portuária fortificada.

Poderá, por outro lado, ter origem grega, como Intercacia (atual Villalpando), em Espanha, sendo que significaria planura ou pequeno planalto, ou, ainda, ser derivada de kázis, que significa estabelecimento. Outra hipótese a admitir é a sua origem árabe, eventualmente proveniente da expressão Abd al-Qays, que significa “servo da tribo de Qays”, podendo ter evoluído para Alkazia, antes da forma atual (Conde, 1995)¹⁸.

¹⁴ Souto, A., 1930. *A estação arqueológica de Cacia*. Câmara Municipal de Aveiro, Aveiro

¹⁵ Souto, A., 1923. *Origens da Ria de Aveiro*. Câmara Municipal de Aveiro, Aveiro

¹⁶ Cristo, D., 1989. *A vila de Cacia – Seleta de textos sobre Cacia*. Junta de Freguesia de Cacia, Cacia

¹⁷ Lima, M. J., 1968. *Os Povos do Baixo Vouga*. Câmara Municipal de Aveiro, Aveiro

¹⁸ Conde, B., 1995. *Cacia e o Baixo-Vouga. Apontamentos históricos e etnográficos (vol 2)*. Câmara Municipal de Aveiro, Aveiro

Segundo a publicação - A Vila de Cacia “A avozinha de Aveiro” (1989) apontamentos históricos, obra relevante em termos históricos e culturais da freguesia, Cacia é uma povoação antiquíssima e terá obtido grande importância no passado; os romanos aí teriam construído um castro, cuja existência se procura demonstrar por achados arqueológicos. Conde (1995): «(...) *Mais tarde, quando da reconquista cristã, o Conde D. Henrique e sua mulher D. Teresa, em documento de 25 de Agosto de 1106, doaram ao Mosteiro de Lorvão metade da vila de Cacia (...).*»¹⁹

A freguesia de Cacia fica na margem esquerda do Vouga, a seis quilómetros de Aveiro e compõe-se da Vila de Cacia e dos lugares de Quinta do Loureiro, Sarrazola, Vilarinho, Póvoa e Testada, este situado na margem direita (e atualmente desabitado). Cerqueira (1989):

A sua população residente (...) ocupa-se parte na agricultura e a maior parte na indústria, comércio e serviços. Antes do surto industrial, as ocupações dos autóctones era na agricultura, na criação de gado bovino e cavalar, e, nas horas de lazer, na pesca e na caça (...).²⁰

Até meados do século passado o povo desta região caciense vivia da agricultura, da criação de gado bovino e cavalar, da pesca e da caça. O comércio era reduzido e a indústria era nula. Muitos dos seus filhos emigraram para o Brasil ou América, e alguns para as colónias Africanas. Outros procuravam na indústria da panificação melhorar a sua vida, conseguindo alguns mais afortunados singrar de maneira notável. O motivo da emigração baseava-se mais no desejo de fugir ao esforço agrícola e à melhoria do seu pé-de-meia, que propriamente a qualquer necessidade de sobrevivência, pois que toda esta região é muito farta em pastagens e cereais.

É região fertilíssima, extremamente pitoresca, muito cortada por canais do Vouga, que domina a paisagem e a transformam na Holanda portuguesa.²¹

E ainda hoje, não obstante o surto da instalação no seu termo de muitas indústrias, algumas grandemente poderosas, o povo autóctone continua numa atividade agrícola que lhe permitiu ter completa auto – suficiência.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Cerqueira, E., 1989. *A vila de Cacia – Seleta de textos sobre Cacia*. Junta de Freguesia de Cacia, Cacia

²¹ Proposta para elevação de Cacia à categoria de Vila, 1989. *A vila de Cacia – Seleta de textos sobre Cacia*. Junta de Freguesia de Cacia, Cacia

3.1. Cacia

É com base em aspetos de organização empresarial, linguística, cultural e multicultural, que se pretende observar o quão foi importante o impacto cultural resultante da implantação da organização, Renault – Cacia, uma vez que a empresa é de origem francesa, e quais as políticas nos aspetos já identificados que, foram definidas pela empresa para a conceção da unidade fabril?

O que se pretende observar é se o facto de esta empresa ser de uma origem estrangeira, teve ou não impacto na cultura empresarial existente e na cultural social da própria localidade onde se instalou.

Este processo não é fácil de estudar uma vez que muitas são as variáveis que poderíamos verificar como contribuindo para a mudança, podendo contudo destacar a chegada de novos habitantes que trouxeram consigo novos costumes, modificando a cultura e implicando alterações nas características da freguesia. Desta forma definimos, como objetivo geral, uma análise do impacto cultural na freguesia de Cacia resultante da implementação da unidade fabril Renault, o que nos permitirá percebendo a importância da cultura de um espaço em que se instala uma empresa: o antes e o depois.

Para o nosso caso e de ordem mais prática, procedeu-se à consulta e análise dos dados obtidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), bem como a documentos de cariz histórico para perceber em que medida a origem e a língua podem condicionar as Relações Empresariais, bem como mudar a cultura de uma freguesia ou alargar mesmo a um distrito.

3.1.1. Cacia – A mudança

A partir do final da década de 40, do século passado, a comunidade de Cacia viu-se autenticamente “invadida” por indústrias que arrastaram consigo centenas e centenas de operários e técnicos oriundos dos mais diversos pontos do país e que na freguesia se radicaram e constituíram família.

A primeira grande indústria a instalar-se em Cacia foi a Companhia Portuguesa de Celulose – Portucel, que criou logo de início mais de mil postos de trabalho. Esta empresa e a Fábrica de Automóveis Portugueses (FAP) e mais tarde a indústria francesa de automóveis Renault – atualmente C.A.C.I.A., com a sua associada fábrica de fundição Funfrap, ao criarem milhares de postos de trabalho, vieram, só por si,

contribuir para um contínuo desenvolvimento de outras indústrias, como a construção civil, metalomecânica, oficinas de reparações, madeiras, transportes, restauração, e, muitas outras que hoje em dia se vão instalando. De facto, hoje em dia, Cacia é um centro comercial e industrial de grande importância no Concelho e Distrito de Aveiro.

Cacia transformou-se (...) muito mais velozmente na segunda metade do século XX. E para essa mudança, em múltiplos aspetos, contribuiu, sobretudo, a implantação de uma grande indústria – (...) a Companhia Portuguesa de Celulose, que, não tendo, porventura, acautelado até ao desejável os problemas ecológicos e consequentes prejuízos nas margens com os efluentes poluidores (...) constitui um marco de referência, abre uma era nova, social, economicamente, e no género de vida, na população de Cacia.²²

Antes da chegada do grupo empresarial da Renault já se distinguia com uma forte zona industrial onde imperavam vários tipos de indústria. Foi com essas indústrias que se colocou o nome de Cacia no mapa. Um local preponderante para negócios e com um aumento de infra-estruturas e de recursos no concelho da cidade de Aveiro, predominantemente fomentado pelas indústrias de papel e de metalomecânica. A junção destes dois tipos de indústrias no concelho foi fulcral para aumentar a produtividade e dar emprego a inúmeras pessoas.

Contudo, a indústria do papel foi aquela que mais criou empregos diretos e indiretos ao longo de 50 anos da sua existência. A população de Cacia foi e será aquela que mais beneficiou com essa indústria, não só a nível socioeconómico mas como a nível cultural. A Portucel criou laços de afetividade com a população e nos dias de hoje essa lealdade permanece com o apoio à população e cedência ou prestação de serviços nas organizações de eventos festivos na freguesia de Cacia.

No entanto, com o passar dos anos outras organizações se instalaram na freguesia de Cacia, permitindo assim uma maior captação da população para emprego. Outra indústria que beneficiou o concelho de Aveiro foi a Metalurgia, especificamente a Metalúrgica Casal. Esta marcou a história do concelho de Aveiro por boas e más razões. As consideradas como positivas devem-se, ao ainda que simples, facto de ser uma empresa de criação de veículos motorizados e que dedicou maior parte do seu negócio à montagem e comercialização dos mesmos. Criou um enorme número de postos de trabalho, investindo na formação profissional e técnica, sendo esta uma característica muito específica desta empresa. Com o passar dos anos, a empresa Casal foi perdendo alguma credibilidade e a nível financeiro temeu-se o pior.

²² Cacia, Jornal Semanário Ecos de; Fevereiro 1980; ano 67 (consultado em 10.09.2012)

(...)A empresa não conseguiu acompanhar vários processos de estratégia e competitividade para os seus negócios bem como na área da inovação, viu-se envolvida num caminho que seria a falência da própria empresa (...).²³

Como consequência, muitos foram os trabalhadores que optaram por ingressar naquela que seria futuramente a Renault. Porém, antes mesmo de Renault se instalar e dar início da sua produção, as suas instalações já haviam pertencido a duas empresas, com um passado ligado ao ramo automóvel, e que se extinguíram por motivos de ordem financeira. Contudo, elas merecem a nossa atenção pelo facto de serem a base, a estrutura da futura Renault e, assim, podemos, a título de exemplo, considerar a FAP (fábrica de automóveis portugueses) que nos seus tempos áureos empregou um número considerável de trabalhadores.

No final dos anos 50, e numa tentativa que se revelou frustrada, mas que pretendia encorajar os construtores das marcas mais comercializadas a instalarem em Portugal as suas linhas de montagem, visando estimular o desenvolvimento da indústria automóvel nacional. Para tal, foi então criada a Fábrica de Automóveis Portugueses (FAP) que após os investimentos iniciais de aquisição de terreno e instalações, iniciou as pesquisas para potenciais *licensors* (através do licenciamento, a organização (o licenciador) num determinado país torna certos recursos disponíveis em outro país (o licenciado) interessado na sua viatura. Os recursos disponibilizados implicam tecnologia, habilidades administrativas, e direitos de patentes e de cópia, que permitem ao licenciado produzir e comercializar um produto similar àquele que o licenciador produz. Esta foi a primeira forma de implementação da Renault- CACIA).

Aquando da procura de potenciais interessados, torna-se cada vez mais visível para os *designers* deste empreendimento, há como que a consciencialização da complexidade de tal tentativa, uma vez que, verificaram que iriam operar num mercado estreito, caracterizado pela ausência de tradição industrial e com um consumo reduzido de veículos automóveis o que denotava a fragilidade do mercado que se pretendia, bem como a pouca atratividade face a essa situação de mercado. Tornava-se assim impensável a sua inclusão em outros mercados, dada a clara inferioridade da viabilidade da fábrica de automóveis.

Em 1963, o pensamento estratégico da FAP sofre uma rotação no seu eixo, planeando a produção de tratores agrícolas em substituição dos veículos automóveis, inicialmente idealizados. Concentrados os esforço nesta nova direção, a FAP consegue

²³ Aveiro, Jornal Diário de; 1988; ano 21 (consultado em 11.09.2012)

um licenciador para a montagem, prepara os colaboradores e negocia os apoios estatais. Porém, a Fábrica de Automóveis Portugueses ab-roga as suas funções sem nunca ter produzido uma única viatura e sem ter iniciado a produção em escala dos tratores agrícolas. Mas é com esta (FAP) que se inicia a epopeia da empresa Renault-Cacia.

A Renault, é uma empresa de cunho e Nacionalidade Francesa, colocando-se aqui na prática investigar o objetivo a que nos propusemos, ou seja, em que medida a implantação desta alterou a cultura, a linguagem, a fala de uma determinada freguesia? Aquilo que nos é dado a perceber, só pela simples observação, é que, nos seus primórdios o impacto inicial era de algum otimismo, ainda que moderado. Contudo, com o decorrer dos anos o clima de confiança foi aumentando, de forma a que esta se tornou uma mais-valia para Cacia e também para o país.

4. Estudo de campo: O impacto provocado pela presença da Empresa Renault-Cacia

4.1. A implantação da empresa Renault

A instalação da Renault em Portugal começou a ser negociada em 1977.

«Foi em 18 de Outubro desse ano que o então Ministro da Indústria, Nobre da Costa, assinou em Paris com o Presidente e Diretor Geral da Renault, Bernard Vernier-Palliez.»²⁴ um protocolo, envolvendo e desenvolvendo os termos em que a Renault se expandiria. Este protocolo continha trâmites de importância extrema, nomeadamente, comprometia-se a participar na reestruturação e no desenvolvimento da indústria automóvel em Portugal. Também este protocolo contemplava o envolvimento no desenvolvimento do intercâmbio entre fábricas francesas, fábricas espanholas e as futuras fábricas portuguesas, contribuindo assim para o desenvolvimento de um complexo industrial competitivo, apostando na importante componente de exportação.

A 13 de Fevereiro de 1980 era assinado em Lisboa o acordo entre Renault e o Governo Português.²⁵

Na época, o Ministro da Indústria e Tecnologia, Álvaro Barreto, referiu que este era o maior projeto de investimento estrangeiro desde sempre efetuado em Portugal e que o prestígio da Renault era garantia de êxito. O projeto Renault foi de grande importância para a indústria portuguesa, pois para além do impacto regional, também temos que considerar que outros investimentos se alargaram a diversas zonas do país, nomeadamente Abrantes, Guarda e Setúbal.

O acordo entre o Governo Português e a RNUR (Régie Nationale des Usines Renault) = 30% Portugal / 70% Renault. Após a aquisição das instalações da Fábrica de Automóveis Portugueses F.A.P. e dos terrenos adjacentes, iniciou-se aí a construção da fábrica de Cacia em Setembro de 1980 (...).²⁶

Em Setembro de 1981, a fábrica ainda estava em construção, e já se produzia o primeiro produto, a caixa de velocidades 354, tipo HA destinada a veículos Renault 4 e Renault 5. A fábrica era então dirigida por Henri Simon – 1980/1983 – com um efetivo de 251 trabalhadores, incluindo 80 ex-FAP.

²⁴ Eficácia, Revista, 2011. Edição Especial 30 anos 1981-2011. Renault Cacia, Aveiro (consultado em 22.03.2012)

²⁵ Ibid.

²⁶ Cacia, Jornal Semanário Ecos de; Novembro 1980; ano 67; (consultado em 10.09.2012)

No início de 1982, dá-se a iniciação da montagem de Motores para os modelos R4 e R5, montados nas fábricas da Guarda e de Setúbal respetivamente. No entanto, a maquinação das peças tanto para as caixas de velocidades, como para os motores só teve início meses mais tarde, no mês de Maio desse mesmo ano para as Caixas e no mês de Setembro para os Motores. Assim, os primeiros motores a saírem da linha de montagem eram do tipo 688.13.15, o conhecido Motor C.

Os edifícios industriais estão praticamente prontos, bem como os armazéns e cais de descarga (...) Numa parte mais administrativa isso também se verifica no âmbito da receção técnica (...) O mesmo se aplica aos edifícios de tratamentos térmico, central de fluidos e armazenagem de óleos. Os edifícios dos bombeiros e garagem, centro de tratamento de efluentes, portarias, centrais de água e subestação, são também edifícios já assegurados (...) Os edifícios da Direção estão ainda em fase de acabamento e mais atrasado está o edifício do Restaurante e Formação (...) ²⁷

De referir, e tendo em atenção a cultura específica desta região, que esta foi preservada aquando da construção dos edifícios, uma vez que se utilizou e reutilizou em estruturas já existentes o azulejo, especialmente no que dizia respeito ao revestimento das fachadas, tendo em atenção que o mesmo material se revela uma das expressões mais fortes da cultura em Portuguesa e especial para a Zona Aveirense.

No que diz respeito ao pessoal, o efetivo era apenas de 250 pessoas e, com exceção da maioria do corpo diretivo que era de nacionalidade francesa, os restantes eram de nacionalidade portuguesa. Contudo em 1981, o número de horas de formação para operários foi de 19.500, número este multiplicado praticamente por cinco em final de 1982, atingindo 96.250 horas, para o mesmo tipo de formandos.

Também em 1982, podemos verificar que o número de colaboradores aumentou para 890, de nacionalidade portuguesa.

Ainda no mesmo ano, a produção verificada cifrou-se nos números indicados de 47 772 motores, 53 545 caixas de velocidades, e nestes números verificou-se que metade, quer se trate de motores ou caixas de velocidade foram produzidas para exportação, e produzidas foram também no número de 79 000 as bombas de água, sendo que estas foram praticamente todas para exportação.

²⁷ Cacia, Jornal Semanário Ecos de; Fevereiro 1982; ano 69; (consultado em 10.09.2012)

O VPI, vestuário de proteção individual, era constituído essencialmente por bata azul para os técnicos e chefias e macacão também azul para operadores da Fabricação e de Manutenção (Conservação, na época). Hoje a cor cinzenta predomina no vestuário fabril. Barnard Hanon, Presidente Diretor-Geral da Régie Renault, salientou:

Realizámos um esforço de investimento considerável à escala da indústria portuguesa que não tardará a fazer sentir os seus efeitos ao longo dos próximos anos.²⁸

O Ministro da Indústria, Bayão Horta, considerou a fábrica de Cacia como um marco importante na viragem que se pretendia na década de 80, para o sector automóvel em Portugal:

Nunca na indústria automóvel existiu uma fábrica de verdadeira dimensão à escala europeia como esta é, e muito menos uma fábrica produzindo motores, órgão vital do automóvel, e que marca bem a transição da mera montagem para o fabrico, com todas as consequências estruturantes que tal salto qualitativo implica.²⁹

A aventura industrial da Renault iniciou-se em 1898. Um século mais tarde, o grupo, torna-se multimarcas e passa a estar presente em todas as regiões do mundo.

É um grupo de mais de 120 000 pessoas que imaginam, concebem, fabricam e comercializam veículos particulares e utilitários em 134 países. Composto por 38 locais de produção implantados em mais de 17 países, onde foram produzidos cerca de 2,6 milhões de veículos em 2010.³⁰

Com o projeto da Renault iniciou-se, verdadeiramente, o desenvolvimento da indústria de componentes em Portugal, uma vez que este permitiu níveis de incorporação nacional elevados na fabricação de veículos, assim como, o estabelecimento de algumas empresas associadas ao construtor francês.

Os efeitos positivos associados a este projeto destacam-se no desenvolvimento da indústria portuguesa de componentes, sob a forma de:

- Certificação de fornecedores;
- Homologação de produtos e introdução de processos de gestão de produção modernizados;
- Qualificação de recursos humanos;
- Dinamização de processos de aprendizagem tecnológicos, organizacionais e comerciais;
- Endogeneização das regras de funcionamento da indústria automóvel;

²⁸ Eficácia, Revista, 2011. Edição Especial 30 anos 1981-2011. Renault Cacia, Aveiro.

²⁹ Ibid.

³⁰ Ibid.

- Indução de movimentos de exportação e de contacto com a indústria automóvel global;

- Fomento da fixação de investimento direto estrangeiro complementar em Portugal.

Em 1999, a empresa expandiu-se exponencialmente a nível internacional, fazendo uma aliança com o construtor japonês Nissan. As duas empresas uniram-se numa relação a longo prazo baseada em três princípios:

- respeito pela identidade de cada empresa;
- respeito pela autonomia;
- desenvolvimento de sinergias, com o objetivo de melhorar a performance de cada uma. Plataformas e componentes comuns pela aliança servem para reduzir custos de desenvolvimento de veículos.

A aquisição do construtor Romeno Dacia (1999) e a criação da sociedade Sul-Coreana Renault Samsung Motors (2000) confirma a vontade da Renault em conquistar novos mercados. Para consolidar a sua internacionalização, a Renault também consolidou várias parcerias e “joint ventures” com empresas estrangeiras tal como Mahindra, na Índia, Pars Khodro, no Irão e AvtoVaz na Rússia.³¹

(...) a Nissan anunciou a construção de uma fábrica de baterias para automóveis elétricos em Aveiro, num investimento de 156 milhões de euros com a criação de 200 empregos.³²

Este projeto visava recolocar novamente o nome da fábrica de Cacia como uma das mais importantes unidades fabris do ramo automóvel nacional, sendo contudo suspenso por questões económicas verificadas no plano mundial.

4.2. Metodologia de investigação

Tendo como horizonte obter as respostas para um objetivo já designado que seria conhecer a forma como a freguesia se modificou com a implementação e manutenção desta empresa no local, visando áreas como a população (número de habitantes, alojamentos e profissões) e a mudanças ocorridas na cultura. A metodologia usada neste estudo de campo passa pela análise de dois tipos de dados, um resultante do levantamento de dados publicados pelo INE, e outro através da realização de duas

³¹ Eficácia, Revista; 2011; Edição Especial 30 anos 1981-2011; Renault Cacia ; Aveiro.

³² Aveiro, Jornal Diário de. Novembro 2009; ano 42; (consultado em 11.09.2012)

entrevistas (anexo 2 e 3) a pessoas consideradas como representativas da população e dos operários que trabalham na empresa.

A abordagem a estas duas pessoas, foi feita de uma forma pessoal, até porque são facilmente identificáveis como representantes dos dois poderes, um deles exerce um cargo político, eleito pelo povo, e o outro é reconhecido pela população e pela empresa como sendo conhecedor dos meandros e de toda a envolvência empresarial.

Assim, foi de forma pessoal e informal e direta, que as duas pessoas em questão acederam responder às questões que lhe foram colocadas, não tendo havido qualquer tipo de mediação formal para aceder aos mesmos. Após este contacto, e tendo por base o guião de entrevista específico, tendo em conta a particularidade da representação de cada um, os entrevistados predispuseram-se a falar sobre os seguintes assuntos: empresa, Renault, cultura, freguesia, implantação da empresa, dados históricos sobre a população e a influência da empresa sobre a freguesia, a mudança operada e a atualidade.

Continuamos a referir que a escolha recaiu sobre estas duas pessoas, porque uma delas representa os trabalhadores e portanto está dentro da dinâmica da empresa, compreendendo bem o relacionamento hierárquico, interpessoal entre trabalhadores e entre estes e a população não trabalhadora da empresa. A outra escolha recaiu sobre um representante político e social, representante da sociedade escolhido por esta, como sendo o elemento que agrega todas as características, ou pelo menos as mais representativas da população de Cacia.

A entrevista realizou-se num local informal, tendo em conta a disponibilidade dos entrevistados. Tendo portanto como ponto de partida o guião, foram sendo transcritas ao longo da entrevista todas as respostas dadas e, numa fase posterior confirmou-se com os mesmos o resultado das suas respostas e se desejavam ver mais alguma coisa acrescentada ou retirada das respostas dadas, eliminando assim possíveis equívocos ou subjetividade nas respostas. As entrevistas foram realizadas no mês de Março do ano corrente, após ponderação sobre quem deveria ser o alvo das mesmas.

Ao longo do processo de implantação da unidade fabril, muitas alterações se verificaram, nomeadamente no que diz respeito a novas contratações de pessoal e preocupações com formação. A análise dos documentos publicados pelo INE, incide sobre as décadas de 1970, 80 e até aos anos 90. Os dados recolhidos em material tornado público pelo INE, obtidos por censos do ano de 1970, sensivelmente 11 anos antes da unidade fabril Renault iniciar as suas atividades, retratam a população através

de aspetos como: sexo, população total e alojamentos, bem como aspetos relativos a profissões, características específicas desta população. Com a chegada da década de 80, com todas as implicações políticas, económicas e sociais ocorridas entre os anos 70 e 80 (podemos recordar que é neste período que acontece um marco político significativo e de mudança, designado pela Revolução dos Cravos, no dia 25 de Abril de 1974) novos modelos de vida começam a desenhar-se. É neste período que se começa a odisseia da implementação da Renault – Cacia, trazendo consigo novas formas e novos modelos de organização social.

Se a partir do início dos anos 70 e com o 25 de Abril de 1974, houve em Portugal uma forte mudança política, os anos 80 não foram menos marcantes no aspeto económico. No ano de 1986, Portugal entrou na Comunidade Económica Europeia – CEE, e o período foi profícuo na criação de postos de emprego e forte entrada de capital estrangeiro fundamental para a economia nacional.

A partir dos anos 90 a fábrica da Renault em Cacia, já com 10 anos de existência, aumenta a sua produção e o número de trabalhadores. No final dessa década dá-se a filiação da fábrica, tornando-se numa empresa autónoma com a designação C.A.C.I.A. – Companhia Aveirense de Componentes para a Indústria Automóvel.

A operação de reorganização empresarial, envolve a cisão da sociedade Renault Portuguesa, S.A., destacando um património autónomo em termos económicos e de exploração, para com ele criar uma nova sociedade C.A.C.I.A., S.A.³³

Atualmente a empresa encontra-se implantada e em funcionamento, com as precariedades da conjuntura económica atual.

4.3. Apresentação e discussão dos resultados obtidos

Optámos por sintetizar em quadros as vantagens e desvantagens apontadas pelos dois representantes, após terem sido devidamente verificadas. Através de uma análise do conteúdo de cada entrevista foi possível verificar quais as palavras – chave referidas por estes, tendo em atenção que os guiões de entrevista (diferenciado para cada um) tinham também em consideração as mesmas, bem como o número de vezes que estes as referiam ao longo da entrevista.

³³ Eficácia, Revista, 1999. Publicação – Março. Renault Cacia, Aveiro.

4.3.1. Resultados obtidos através de entrevista

Tendo por base um Guião de entrevista (anexo 2) para cada um dos intervenientes na mesma, tivemos como objetivo fundamental perceber o impacto da implantação e presença da fábrica Renault na freguesia de Cacia.

<u>Fábrica Renault - Cacia</u>	
<u>Vantagens</u>	<ul style="list-style-type: none">- Aumento de postos de trabalho;- Aumento da população na freguesia;- Novas oportunidades de negócio (estabelecimentos comerciais);- Forte aumento na qualidade de vida e de lazer, infraestruturas e acessibilidades;- Aproveitamento de estruturas já existentes;- Formação constante ao longo da vida do funcionário;- Promoção de intercâmbios para dirigentes, colaboradores e funcionários;- Promoção de cursos e de formação académica para funcionários;- Abertura ao exterior, numa interação população – empresa;- Respeito pela cultura, raízes culturais já existentes, não havendo por parte da empresa uma tentativa de que os funcionários assimilassem a cultura francesa, com exceção na cultura da organização.....”os técnicos gostavam de aprender o francês ...os documentos vinham em língua francesa... os dirigentes gostavam de aprender a língua portuguesa...”;- Contratação de técnicos com formação superior já presentes em outras fábricas presentes na freguesia, mas que estavam em declínio aquando da instalação da Renault- Cacia.
<u>Desvantagens</u>	<ul style="list-style-type: none">- Indústria imprevisível face à economia global (greves ou programas de <i>lay-off</i>);

Quadro 1: Visão do lado Empresarial (Entrevista com o representante do poder empresarial)

Com o designado por quadro 1, a sua análise remete-nos para mudanças profundas no aumento da população, com este aumento e referindo também em conjunto o aumento de estabelecimentos comerciais, tudo aponta para uma mudança na cultura e nas relações.

Se novos modelos comerciais e novas infraestruturas aparecem, foi porque houve um aparecimento de necessidades até então desconhecidas, as quais são certamente inovação de uma nova modalidade cultural e de uma multiculturalidade, da presença de novas pessoas vindas de outros locais e que, trazem consigo propriedades próprias, podendo verificar-se aqui um processo de assimilação de culturas. Contudo o representante entrevistado, como conhecedor das políticas de empresa, refere que não houve, do seu ponto de vista assimilação de cultura. No entanto, refere que houve, por parte da empresa, a promoção de cursos de formação e não só a criação de cursos de língua francesa e a promoção de intercâmbios com a designada “ casa- mãe” da empresa, situação que se mantém até hoje. Assim sendo, e ainda que tenham sido respeitadas as raízes culturais da freguesia, não podemos deixar de dizer, e tendo em atenção que a cultura é dinâmica, não houve assimilação de outros valores, uma vez que esta é uma empresa com cultura organizacional que promove a social, nomeadamente com os intercâmbios e com o dia aberto à comunidade.

Como a cultura não pode ser considerada como algo de estático, esta tem o seu percurso, constituindo um processo em constante movimento e aqui é possível verificar isso, uma vez que novas visões, quer comerciais, quer de serviços aparecem como influenciadores desse movimento. A cultura é um conjunto de dados, tradições, informações, aprendizagens, influências do meio, que por ventura a memória vai registando e que são comuns aos membros de uma suposta e determinada sociedade, mas que podem e são modificáveis ao longo do tempo.

Importa também verificar qual é a posição do exterior. Para isso, realizou-se uma entrevista com o representante do poder político e social que é de seguida apresentada no quadro 2.

<u>Fábrica Renault - Cacia</u>	
<u>Vantagens</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Proximidade com a cidade de Aveiro e Porto Marítimo; - Apoio ao desenvolvimento económico da Freguesia Cacia; - Iniciativas culturais entre fábrica e comunidade (Dia Aberto); - Protocolos com Associações; - Mais eventos culturais, ainda que tenham mais adesão por parte dos que pertencem à raiz da freguesia; - Aumento de população; - Especialização da mão de obra: possibilidade de se viver sem ter que trabalhar em duas áreas ao mesmo tempo; - Construção e aproveitamento de infraestruturas, - Aumento de postos de trabalho; - Aperfeiçoamento das redes rodoviárias.
<u>Desvantagens</u>	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca decisão da Junta de Freguesia sobre a unidade fabril sendo o governo com mais decisão; - Tendência para um número elevado de desemprego; - Aumento substancial do tráfego e da poluição.

Quadro 2: Visão do Poder Político e Social (Dados da entrevista ao representante do poder político e social)

Através da análise do quadro 2 podemos tirar algumas ilações, sendo que a mais importante, do ponto de vista que interessa a este trabalho, é sem dúvida a importância dada às iniciativas culturais. Recordando que um dos pontos-chave para esta implementação tinha a ver com a formação, pensamos que isso se reflete bastante na cultura. Não éramos certamente um país virado para a formação, logo o modelo de formação implementado não tem certamente a ver com a nossa realidade, assim sendo estes funcionários beneficiaram de um modelo que lhes alterou a forma de aprender e ver as coisas. As iniciativas culturais surgem não só, como é óbvio, das ações de formação, mas também da convivência dentro e fora destas, quer entre funcionários portugueses de diferentes pontos do país, quer destes com a própria chefia. É a passagem de testemunho de diferentes pontos de vista, que vai moldando uma nova cultura, que para se instalar, utiliza a língua, sons, linguagem própria, modificando e alterando realidades.

É habitual ouvir dizer que os portugueses são pródigos em assimilação de culturas, (tendo em consideração que somos um país de vagas migratórias e de emigração) ao contrário de outros países, fruto talvez de uma educação de submissão, o que realmente se verificou no desenvolvimento e enraizamento da Renault – Cacia, é de que esta possuía inicialmente apenas diretores de origem francesa, trazendo consigo a necessidade de aprender a Língua francesa, para que a comunicação se efetuasse, não houve portanto uma assimilação da cultura e língua portuguesa, mas sim uma interação complementar entre as duas culturas e as duas línguas

Foi com esse intuito que abriu nas suas instalações – Centro de Formação da Renault -, cursos de língua Francesa, para os trabalhadores que desejassem frequentar, no horário pós laboral.

Para os trabalhadores que tinham a 4.^a classe (antigo ensino nacional) foram abertas inscrições para completar o 6.º ano de escolaridade. Esta iniciativa, aberta à comunidade fabril, veio aumentar a aprendizagem por uma e de uma língua diferente e sobretudo o conhecimento de uma cultura diferente. Esse mesmo Centro de Formação não apenas interagiu com a disponibilidade de ensinar a língua francesa aos seus colaboradores, mas trouxe consigo uma exigência, que se manifestou na investigação técnica por parte dos seus trabalhadores para que estes tivessem ou tenham uma formação técnica importante.

Quanto à freguesia e à sua população ter o nome de Cacia na empresa foi uma forma de divulgar esta denominação. Segundo o representante do poder político e social, a freguesia transformou-se com as diversas indústrias, mas não se transformou como um mero ponto de turismo,

(...) não trouxe turistas, mas trouxe investimento para o país e prestígio para o nome Cacia (...) ³⁴

Relativamente à análise das duas entrevistas em questão, há dados em que os dois representantes concordam, nomeadamente no que diz respeito ao aumento de número de habitantes, alojamentos e postos de trabalho, sendo que estes mesmos serão avaliados através dos dados publicados pelo INE. No entanto é possível verificar diferenças que nos parecem importantes.

Contudo, fazendo uma análise sucinta dos resultados da entrevista de cada representante, (tendo em atenção as diferenças de guião) podemos dizer que o

³⁴Excerto de entrevista ao Representante do Poder Político e Social.

representante da empresa enfatiza que a empresa é benéfica em todos os campos, nomeadamente reutiliza estruturas já existentes, formação de colaboradores, o impacto da cultura organizacional francesa, a capacidade de adaptação dos técnicos e funcionários convidados para a empresa, bem como a disponibilidade por parte dos dirigentes franceses. Ainda refere que a nível de desenvolvimento a empresa, não altera as raízes culturais da freguesia, mas promove iniciativas inovadoras, como a interação entre empresa e população. No domínio da formação refere que o intercâmbio promovido pela empresa beneficia a todos.

Por seu lado o representante do poder político e social prefere reforçar as raízes culturais e a antiguidade da freguesia e considera muito importante o aumento da população. Considera ainda, que a implantação da empresa trouxe um novo alento, e uma modificação nos hábitos de trabalho, quando refere o caso do seu irmão, com a divisão do trabalho em duas fontes principais: agricultura complementada com trabalho na indústria, situação que se modificou com o novo modelo organizacional, a nova cultura organizacional trouxe consigo uma maior especialização, ou seja, os trabalhadores industriais eram agora só isso mesmo, não havendo a divisão em trabalhador rural e ao mesmo tempo trabalhador na indústria.

Refere ainda que a nível cultural, eventos típicos da freguesia, apesar da sua realização, são fundamentalmente frequentados pelos habitantes mais antigos, não deixando contudo de evidenciar que os organizados pela empresa são mais frequentados, quer pela novidade, quer pelo sentimento de obrigação e pertença à mesma. Considera que houve benefícios, nomeadamente nas infraestruturas ligadas às redes rodoviárias, trazendo um aumento do tráfego dentro da povoação e um aumento da poluição. As semelhanças entre as duas entrevistas situam-se no aumento da população, do número de habitantes e alojamentos, no número de habitações e na dinamização cultural através de empresa.

Mas não podemos deixar de verificar as diferenças, com o representante da empresa a enfatizar o desenvolvimento promovido por esta em todos os campos, desde a formação, às iniciativas culturais, às possibilidades de formação. O representante do poder político e social desloca um pouco a sua atenção para as raízes da freguesia. Contrapõem as diferentes vantagens e algumas desvantagens resultantes das iniciativas da empresa, bem como da sua implantação e presença.

Continuando a reafirmar que os guiões de entrevista foram específicos e diferentes para cada um dos representantes, há assuntos que são comuns aos dois. Da análise de

todas as respostas dadas pelo menos foi possível chegar a categorias que são consideradas como importantes pelos dois e outras categorias consideradas como fundamentais a cada um deles. Analisando frase a frase, numa análise do conteúdo das respostas obtidas através das questões guião encontraram-se sete referências a determinados contextos e são elas as seguintes: cultura, língua, população, alojamento, infraestruturas, formação e emprego.

Estas palavras-chave estão também no guião de entrevista, pois pretendia-se saber se os representantes nos dariam a opinião acerca deste leque de assuntos. Com a análise de respostas foi possível contabilizar o número de vezes que estes se referiram a elas a que designamos de registos e que nos servem para perceber o valor que cada uma teve para os entrevistados.

No quadro 3 apresentamos essa análise de conteúdo resultante das respostas dadas pelos entrevistados, frases em que se registam as palavras-chave, bem como a sua representação através da transcrição dos parágrafos das respostas dadas em entrevista pelos dois representantes em questão.

Categorias de palavras
Cultura <u>Representante do poder político e social:</u> - Muita gente não sabe, mas os verdadeiros Cacienses, os mais antigos especialmente sabem bem que tivemos pessoas muito importantes na freguesia e que escreveram muito sobre a nossa vila; - São dois pilares fundamentais de demonstrar a identidade da nossa freguesia a pessoas que não são de cá; - Voltando à sua pergunta, com a chegada de novos habitantes notou-se que tem havido pouca adesão aos nossos eventos culturais, apenas contamos mais com as pessoas mais antigas; - Não houve qualquer dificuldade cultural, apenas houve admiração da população por esta ser uma empresa estrangeira a operar em Cacia; - Essa imagem foi criada através do povo de Cacia; - Faço das suas palavras as minhas, Cacia é o “Centro Comercial de Aveiro”.

Representante do poder empresarial:

- Isto foi um gesto muito simbólico da empresa e que ainda hoje se mantém, é manter o contacto com outras culturas e de alguma forma mostrar a realidade vivida numa outra empresa instalada num país diferente;
- Posso garantir que a administração sempre se mostrou profundamente preocupada com as raízes culturais da freguesia, todos os anos faz o dia aberto à comunidade, mostrando assim as instalações fabris à população que deu “abrigo” à instituição Renault;
- A fábrica quando começou a operar a comunidade ao início aceitou muito a empresa. Foi quase uma espécie de festa com tanta hospitalidade se criou em torno da empresa;
- A verdade é que a empresa deve muito à freguesia de Cacia e a freguesia deve muito à empresa. É por essa razão que a empresa deixou por uns anos ter o nome de Renault para dar lugar ao nome de C.A.C.I.A. (Companhia Aveirense de Componentes Industriais para Automóvel) e agora dar novamente o nome de Renault;
- Só para referir que a cultura da freguesia deve ser mantida sempre nas instalações fabris, com a divulgação de associações culturais da freguesia onde a comunidade fabril pode tomar conhecimento o que é realmente Cacia e as suas gentes;
- Para atrair os trabalhadores a empresa criou intercâmbios com outras empresas do mesmo grupo para que pudessem conhecer outras culturas e viverem por uns dias no estrangeiro.

Língua

Representante do poder empresarial:

- Ao início muitos trabalhadores receavam que não conseguiam emprego devido à empresa ser uma multinacional;
- Também vivíamos numa altura em que a formação a nível de línguas e culturas era pouca ou nenhuma;
- Depois com a fase de recrutamento de trabalhadores para a fábrica a própria administração fez um gesto muito simbólico, abriu cursos de iniciação ao Francês e estabeleceu contactos com outras empresas em França, uma espécie de intercâmbio cultural, se assim posso referir;

- A administração fabril por ser francesa não teve qualquer problema de comunicação para com os seus colaboradores;
- No entanto, também, na divulgação de desenhos técnicos não houve dificuldades em se perceber;
- Não houve problemas com a adaptação à língua francesa dos nossos técnicos, pois as instruções ou desenhos estavam todos eles documentados em francês;
- Creio que nunca houve problemas com a língua francesa nas nossas instalações fabris;
- Inclusivamente os antigos diretores tinham muito gosto em aprender para discursar em português, nós como país acolhedor víamos isso como um bom motivo;
- Como já havia referido, depois da abertura do Centro de Formação Técnica a ideia de ensinar aos trabalhadores uma ou mais línguas estrangeiras começou por ser uma ideia pouca atrativa.

População

Representante do poder político e social:

- Foi inteiramente benéfico para a população toda em geral, trouxe muitos postos de trabalho e a população aumentou mesmo muito;
- O tráfego era pouco, a população ainda não era muita, e as condições de algumas famílias ainda eram más;
- Chegaram novos habitantes contribuindo para o aumento da população;
- Era pequena na altura, mas foi ganhando projeção na vila pois muita gente que não era da Cacia começou a trabalhar e a viver por cá;
- Esse começou a ser a causa de chegada de novos habitantes, das indústrias, e da mão-de-obra;
- Foi a partir desse ano que começou a haver aumentos de população, residências e de infraestruturas, embora poucas.

Alojamentos

Representante do poder político e social:

-chegaram novos habitantes contribuindo para o aumento e residências.

Representante do poder empresarial:

- A fábrica em Cacia modificou e muito a freguesia, chegou muita mão-de-obra de vários sítios, até da cidade do Porto vinham trabalhar para cá, muitas famílias se instalaram em Cacia e o impacto da fábrica foi enorme em todos os aspetos.

Infraestruturas

Representante do poder político e social:

- O antes da chegada da Renault a Cacia a freguesia era muito pobre a nível de infraestruturas, saneamento;

- Com a chegada da empresa, começou haver mudanças significativas na freguesia, a rede de estradas e arruamentos foi alargada e melhorada, bem como o saneamento;

- Isto para lhe dizer o seguinte, a chegada dessas indústrias foram vistos com um forte investimento dos nossos governantes;

- Não foi por acaso que muitas dessas multinacionais se instalaram por cá;

- O nosso distrito deve muito aos antigos governantes, pois sempre reconheceram que o distrito de Aveiro é um verdadeiro motor na economia nacional;

- O caso de Cacia, deve-se sobretudo à proximidade do Porto Marítimo de Aveiro e às distâncias com a cidade do Porto e com Espanha, mais tarde aperfeiçoou-se as redes rodoviárias e as infraestruturas;

- A chegada da fábrica da Renault a Cacia, especialmente ao distrito de Aveiro, foi vista como um forte investimento na nossa região e na nossa freguesia;

- Recordo-me que a empresa não era para ficar cá;

- Sabe-se que administração da Renault Francesa estava decidida a abrir a unidade fabril em Castelo Branco;

- Mas depois com estudos sobre impactos na região de Castelo Branco terem dado resultados aquém das expectativas colocou-se o nome de Cacia;

- Pois as instalações da antiga fábrica de automóveis portugueses (FAP) iriam servir como instalações da Renault. - Não foi apenas esse o motivo que a administração se decidiu implantar a empresa aqui;

- Também foi o facto da proximidade com o Porto Marítimo, e essencialmente a forte indústria que era e é o nosso distrito;

- Na verdade estes foram os maiores motivos com que a Renault viesse para Cacia e por cá ainda se mantém;
- Por outro lado, quero referir que os administradores da Renault, quando se deslocaram a Cacia, antes do início da sua atividade depararam que o problema não era na língua ou cultura, mas nos deficientes acessos às instalações fabris.

Representante do poder empresarial:

- A principal razão da Renault se instalar em Cacia, prende-se com o facto das antigas instalações pertencerem à Fábrica de Automóveis Portugueses (FAP) e de aproveitar ao máximo essa mão-de-obra para aplicarem nas atividades da Renault.

Formação

Representante do poder empresarial:

- No começo ainda não havia formação para os nossos trabalhadores, surgiu um ano depois do início das atividades;
- Era de extrema importância dar formação aos colaboradores;
- Como a empresa adquiriu empregados ainda da antiga fábrica da FAP viu que não seria importante dar formação a esses trabalhadores;
- No entanto, com vários problemas adquiridos na administração de uma outra empresa ligada ao ramo da mecânica e da metalúrgica, a Casal, muitos trabalhadores e uma boa parte de engenheiros dessa empresa vieram a ser empregues na Renault;
- Ou seja, acabou por ser muito benéfico para a Renault a chegada desses novos trabalhadores;
- Aliás, o fecho da Metalúrgica Casal foi a sorte da Renault, pois acabou por não fazer nada para procurar essa mão-de-obra qualificada.

Emprego

Representante do poder político e social:

- A empresa empregou 2000 trabalhadores, maior parte deles residentes e naturais daqui da vila;
- Durante esse tempo, outras indústrias chegaram a Cacia, a FAP chegou no início dos

anos 60;

- O maior impacto criado, e que não tenha dúvidas sobre isso, foi a criação de inúmeros empregos;

-Havia uma empresa que estava prestes a fechar, a Metalúrgica Casal, e muitos trabalhadores, devido ao descontentamento em que essa empresa se encontrava, empregaram-se na Renault;

- A população de Cacia viu o projeto da Renault em Cacia como uma prova que a freguesia é sem dúvida um verdadeiro centro empresarial do concelho e do Distrito;

- Essencialmente, em 30 anos de existência da empresa em Cacia, apenas quero mencionar que tem um saldo muito positivo devido à criação de postos de trabalho;

- O maior impacto criado, e que não tenha dúvidas sobre isso, foi a criação de inúmeros empregos;

- A verdade é que vivemos tempos difíceis, e cada vez o cenário parece ser mais negro, nomeadamente sobre o emprego. Apenas pode laborar com mais ou menos trabalhadores, mas continua em atividade;

Quadro 3: Categoria e registo das palavras – chave, retiradas de análise das entrevistas (Respostas de guião de entrevistas aos representantes do poder político e social e poder empresarial).

Tendo em atenção a análise das entrevistas, podemos afirmar que há diferentes preocupações na mente dos entrevistados, tendo em atenção o próprio guião criado para cada um, havendo categorias de palavras referenciadas por apenas um representante. Passando estas categorias para gráficos podemos verificar de que forma se espelham as diferentes categorias nas preocupações dos entrevistados. Apresentam-se resultados pela totalidade de parágrafos em que cada um destes se refere às categorias em questão.

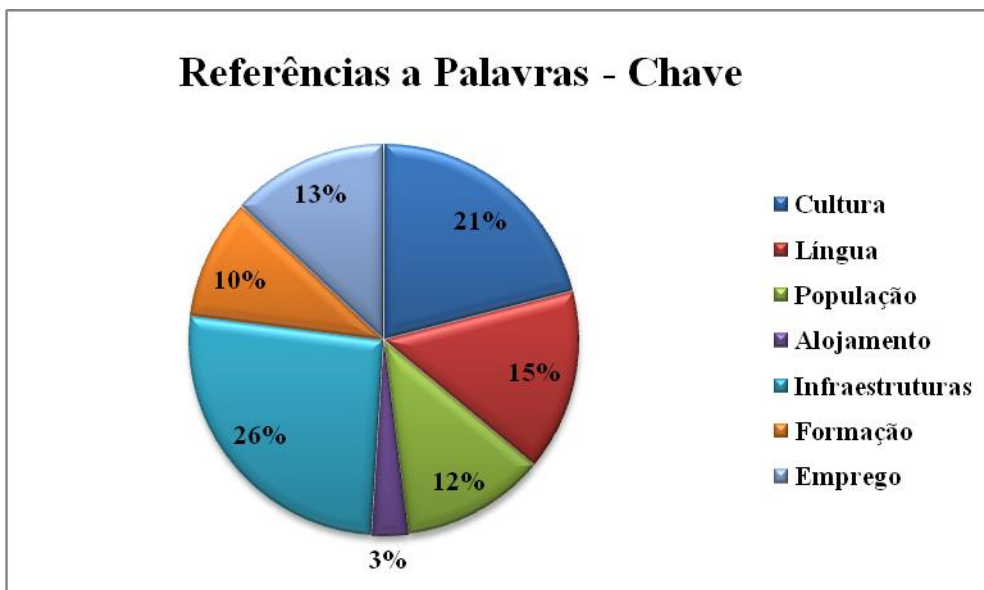


Gráfico 1: Totalidade de referências feitas pelos dois representantes a palavra-chave sobre o impacto da implantação e presença da empresa Renault (quadro 3: categorias e registos, resultante da análise de entrevistas).

Apresentamos agora gráficos de referências a palavras- chave por representantes entrevistados.

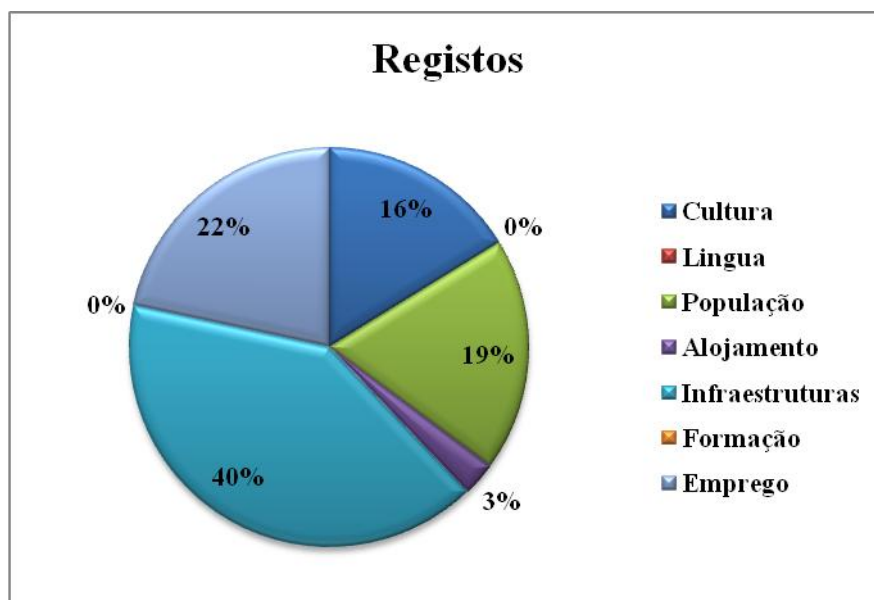


Gráfico 2: Registos de cada palavra-chave pelo representante do poder político e social (quadro 3: categorias e registos, resultante da análise de entrevistas).

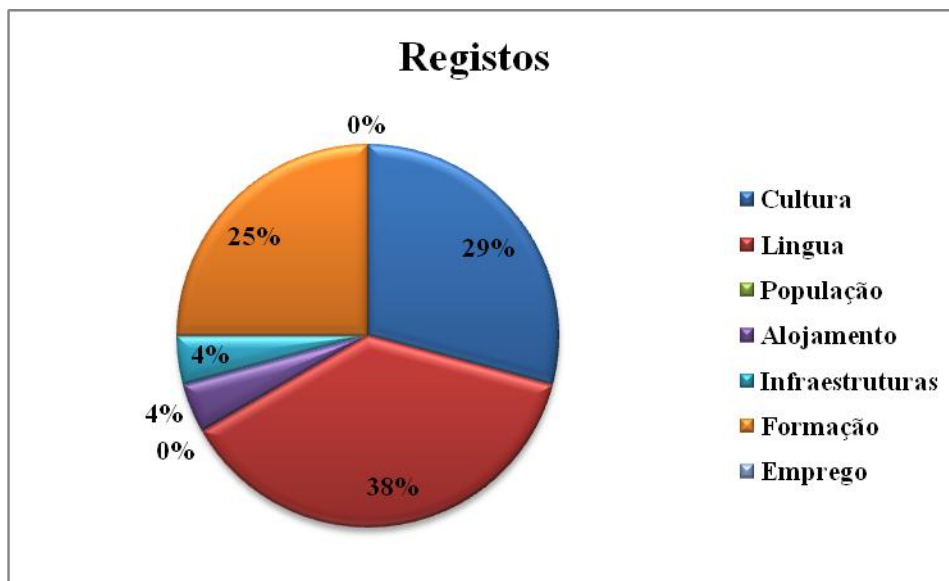


Gráfico 3: Registos de cada palavra –chave pelo representante do poder empresarial (quadro 3: de categorias e registos, resultante da análise de entrevistas).

Assim da leitura dos gráficos podemos inferir que preocupações diferentes são apresentadas pelos entrevistados. Por um lado o poder político e social mais preocupado com o elemento população e emprego. Do lado do poder empresarial podemos verificar a preocupação ou o destaque para a formação e para a questão da língua. Contudo existem aspetos comuns como o caso da cultura e do alojamento, sendo que este último elemento não é muito considerado por qualquer um dos representantes de diferentes poderes.

4.3.2. Análise de dados do INE

Relativamente a aspetos como a população e alojamento é possível através dos dados publicados pelo INE, complementar a informação obtida através das entrevistas, assim e com os dados do referido Instituto, tornar mais explícita a evolução da freguesia em resultado da implantação e permanência da empresa Renault.

Os dados abrangem três décadas, passando pelos anos 70, 80 e com os últimos dados disponíveis da década de 90.

4.3.2.1. Análise do aumento de população ao longo de três décadas

O aumento de população pode ser visto através dos dados recolhidos em documentos do INE, que apontam para um aumento da população da década de setenta em comparação com os dados de oitenta e com os números obtidos na década de noventa.

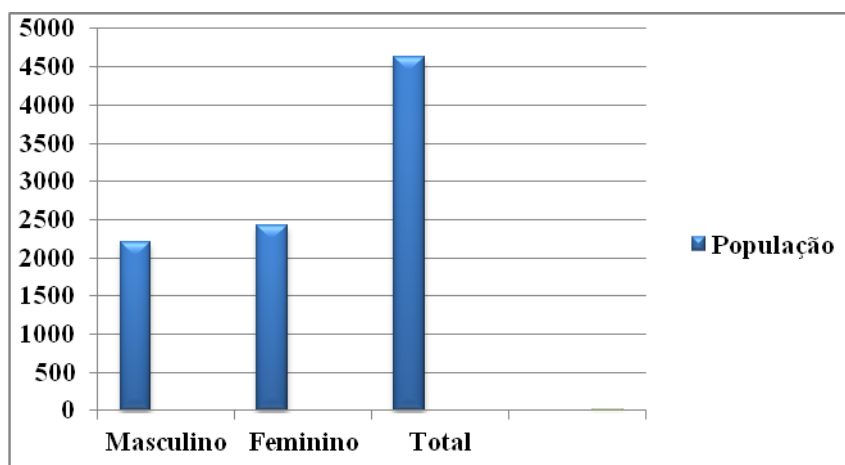


Gráfico 4: Distribuição por sexos e totalidade da população no ano 1970 (INE – 1970)

Verificamos através do gráfico que a população feminina é maior do que a masculina e que o seu valor total nos dois grupos não chega aos 5000 habitantes, facto que se altera na década de 80 e mais ainda na década de 90, como veremos pelos gráficos seguintes.

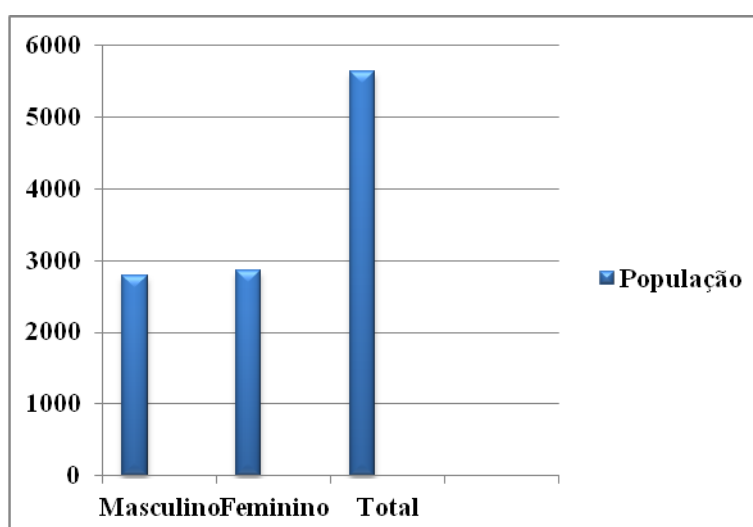


Gráfico 5: Distribuição por sexos e totalidade da população no ano 1980 (INE – 1980).

Só numa década a população aumentou no número de 1005 habitantes, ou seja na década da implementação da empresa, o número de habitantes da freguesia aumentou em cerca de mil, o que para uma freguesia pequena representa um acréscimo substancial, só possível com a implementação de indústrias que o justificam, ou seja um atrativo que leva as pessoas a deslocar-se e a integrar um novo ambiente.

Esta situação de aumento de população continuou a verificar-se nos anos noventa, embora já se verifique um menor aumento da mesma. O gráfico 4, demonstra o aumento de população em cerca de 885 pessoas, já distante do aumento da década de 70 para a década de 80. Trata-se de população residente, pois na mesma fonte (INE) podemos verificar que a população presente é de apenas 881, diminuindo em cerca de 4 pessoas.

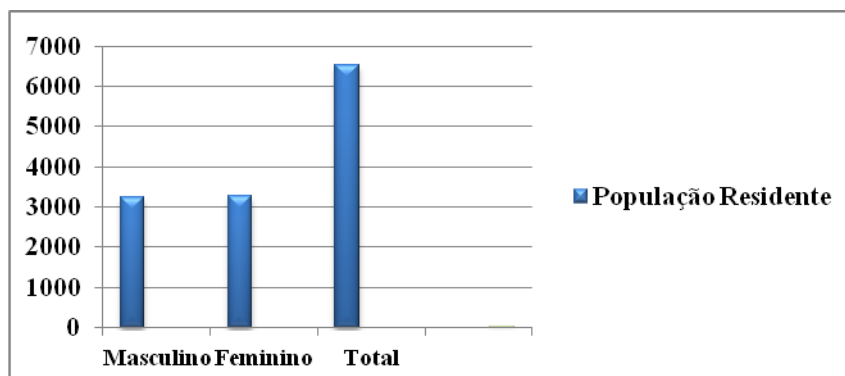


Gráfico 6: Distribuição por sexos e totalidade da população no ano 1990 (INE -1990)

Se novos modelos comerciais e novas infraestruturas aparecem, foi porque houve um aparecimento de necessidades até então desconhecidas, e estas são certamente inovação de uma nova modalidade cultural e de uma multiculturalidade, da presença de novas pessoas vindas de outros locais, que trazem consigo propriedades próprias, podendo verificar-se aqui um processo de assimilação de culturas. Na verdade, a cultura não pode ser considerada como algo de estático; esta tem o seu percurso, constituindo um processo em constante movimento e aqui é possível verificar isso, uma vez que novas visões, quer comerciais, quer de serviços aparecem como influenciadores desse movimento.

A cultura é um conjunto de dados, tradições, informações, aprendizagens, influências do meio, que por ventura a memória vai registando e que são comuns aos membros de uma suposta e determinada sociedade, mas que podem e são modificáveis ao longo do tempo.

4.3.2.2. Análise de dados respeitantes à evolução de alojamentos

Nesta análise podemos ainda acrescentar uma visão de números apresentados pelo INE, no que diz respeito a números de alojamentos.

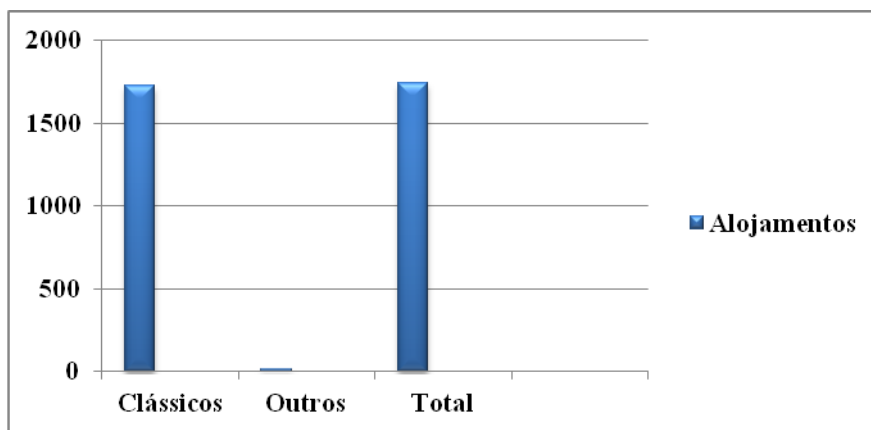


Gráfico 7: Número de alojamentos na década de 1980 (INE – 1980)

Podemos verificar através do gráfico que o número de alojamentos clássicos é muito superior ao de outros, indicando uma população nitidamente familiar. Situação que se mantém na década de 90, com um aumento do número de alojamentos clássicos e a diminuição dos números de alojamento na categoria de outros.

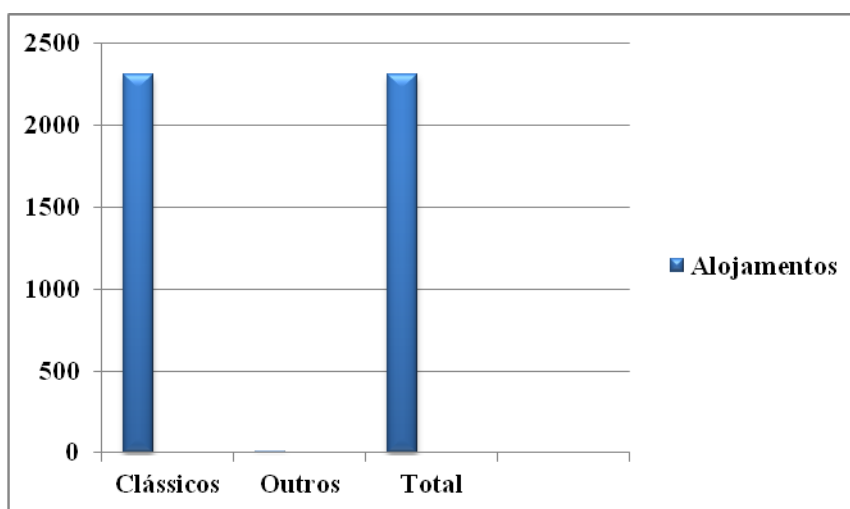


Gráfico 8: Número de alojamentos na década de 1990 (INE – 1990)

Como conclusão destes dados podemos verificar que há realmente um aumento de população, mas com mais evidência para o aumento que vai da década de 70 para a década de 80, havendo posteriormente uma manutenção de população.

Com o número de alojamentos processa-se o mesmo, aumenta, para depois se manter, até porque o maior aumento se verifica nos alojamentos clássicos, aqueles onde mora a família.

5. Conclusões

Analisando os dados recolhidos, quer nas entrevistas realizadas, quer nos recolhidos através das publicações do INE, em três décadas diferentes, e no que diz respeito a população, alojamento, cultura, emprego, formação, há uma nítida evolução da década de setenta para a década de oitenta. A partir desta, a tendência foi para a manutenção da situação, sendo isto mais passível de ser verificado em aspetos como a população e alojamentos. Sem dúvida que há uma evolução desde a década de setenta até aos dias de hoje, e isso é salientado em entrevista, quando se refere que os eventos, a melhoria das condições quer em termos de infraestruturas, quer a nível da especialização do trabalho e a possibilidade de com um emprego se poder prover economicamente, proporcionados logo após a implantação da empresa e pela sua manutenção se fazem sentir até aos dias de hoje.

Tendo em atenção a conseqüente especialização de trabalho e a possibilidade de um trabalhador prover à sua subsistência trabalhando apenas num setor, faz-nos pensar na divisão feita por setores e que antes da implantação da empresa se encontrava na freguesia bastante esbatida. Assim, a economia de um país pode ser dividida em setores (primário, secundário e terciário) de acordo com os produtos produzidos, modos de produção e recursos utilizados são reveladores do grau de desenvolvimento económico de um país ou região. Esses lugares habitacionais da freguesia de Cacia eram muito pobres e a população vivia apenas e exclusivamente do sector primário, sendo este a fonte de rendimento de várias famílias.

Agricultura e pesca – Rio Vouga - eram os setores fundamentais, podemos dizer que eram a fonte de vida para a população. Póvoas (1989) e Carapinheira (1989):

(...) milho grosso e trigo são os frutos que os moradores colhem em maior abundância: há menos colheita de vinho e frutos, porque os moradores mais se empregam na cultura de campos (...).³⁵

(...) em todo o ano há pescarias de peixes, que são fluviais: dos mariscos só nos meses de Fevereiro, Março e Abril (...).³⁶

³⁵ Póvoas, C, 1989. *A vila de Cacia – Seleta de textos sobre Cacia*. Edição Junta da Freguesia de Cacia, Cacia.

³⁶ Ibid.

Sabes, as praias de arroz criavam muito peixe. Quando entrava água fresca o peixe vinha para cima, o Giro era baixo, dava pelo joelho e a gente...zás, com o bico da foicinha apanhávamos peixe em barda! E quando se tapava a Vala do Tubo, é que era: os barbos metiam-se nos buracos por baixo das cepas, era só esticar as mãos...era cá cada caldeirada! (...).³⁷

Com a população a viver dos rendimentos do sector primário, as condições na altura eram bastante precárias. A qualidade de vida não era a melhor na altura, e Cacia era o reflexo de um país parado no tempo e a viver os anos finais da ditadura Salazarista.

Excetuando a indústria papeleira – Portucel – que era um abrigo de emprego e de desenvolvimento económico desde os anos 50 do século XX. A implementação da empresa trouxe consigo inúmeras oportunidades à população, desde a construção de novos edifícios de alojamento, como também na melhoria da qualidade de vida. Por outro lado, o setor primário deixou de ser uma fonte de rendimento da população de Cacia, passando a ser apenas um sector de distração para alguma população. As unidades fabris até então implementadas “roubaram” muita mão-de-obra ao setor primário e por conseguinte a população começou a depender mais dos ganhos das unidades fabris do que a produção no setor primário. Contudo, a população tendo aumentado na freguesia e tem tido essa tendência até aos dias de hoje devendo-se o facto à implementação das indústrias.

A partir do final da década de 40, a comunidade de Cacia viu-se autenticamente “invadida” por indústrias que arrastaram consigo centenas de operários e técnicos oriundos dos mais diversos pontos do país e que nesta freguesia se radicaram e constituíram família.³⁸

Ao longo de 50 anos desde o surgimento das indústrias em Cacia, o seu desenvolvimento cultural muito mudou e se inovou na referida freguesia, que não esqueceu a sua identidade cultural, mas não foi indiferente a transformações.

O desenvolvimento industrial veio contribuir com postos de emprego para a chegada e implementação de novas famílias que não tinham raízes no seio da freguesia.

³⁷ Carapinheira, A, 1989. *A vila de Cacia – Seleta de textos sobre Cacia*. Edição Junta da Freguesia de Cacia, Cacia.

³⁸ Proposta para elevação de Cacia à categoria de Vila, 1989. *A vila de Cacia – Seleta de textos sobre Cacia*. Junta de Freguesia de Cacia, Cacia

Ramo de Atividade	Número de trabalhadores por conta própria e por conta de outrem
Agricultura	350
Indústria Transformadora	1100
Alimentação e Bebidas	27
Indústria Têxtil	16
Indústria de Madeiras	17
Indústria de papel	640
Indústria Metalúrgica	222
Construção e obras públicas	166
Comércio e restaurantes	139
Transportes, armazenagem e comunidade	100
Serviços à coletividade e Administração Pública	93
Outras atividades	349
Total	3076 Trabalhadores

Quadro 4: Trabalhadores por conta própria e conta de outrem por ramo de atividade (1990).³⁹

Através do quadro 4 podemos verificar que nos 12 ramos de atividade identificados, trabalham 3076 trabalhadores. Exposta a divisão em gráfico, verifica-se com facilidade que a indústria transformadora detém a maior parte do mercado trabalhador, no inverso temos a indústria têxtil.

³⁹ Documento analítico da Junta de Freguesia, ano 1990 (consultado a 23.09.2012)

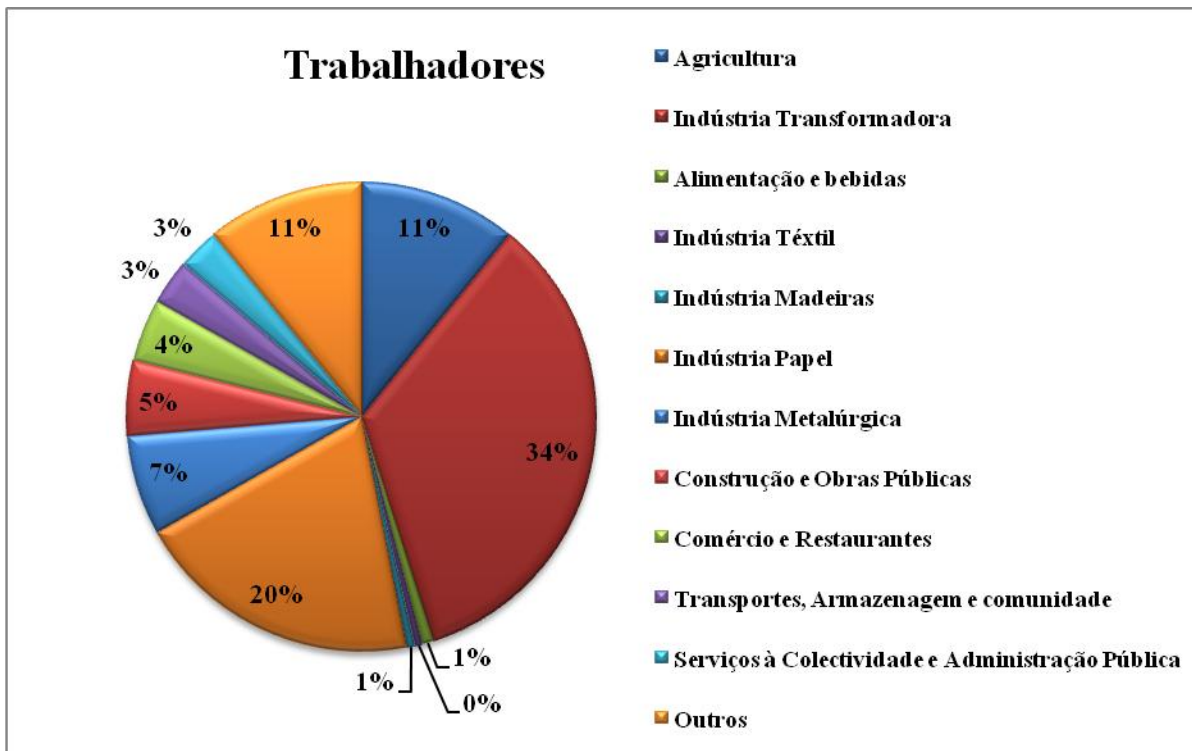


Gráfico 9: Distribuição de população trabalhadora (Relatório de atividades da Junta de Freguesia de Cacia)

Atualmente os números são outros e diferem substancialmente devido à diminuição da população/natalidade e emprego. Com base na literatura consultada, na pesquisa realizada e nos dados recolhidos através de entrevistas, podemos concluir que a unidade fabril da Renault, situada em Cacia, é deveras importante para a freguesia e distrito de Aveiro.

O início das suas atividades foi bastante importante, dando assim um impacto a nível económico, social e cultural. Baseando-nos nos resultados obtidos das entrevistas e das pesquisas, foi simplesmente com a chegada de novas indústrias e de fortes investimentos nacionais e internacionais que a freguesia catapultou para o que é hoje. Considerado um forte centro empresarial do Distrito e do país, foi assim essencial para a população o investimento da empresa, que também conduziu a uma mudança nas características da freguesia. Tendo ainda em consideração a opinião de um ex-trabalhador da empresa e ligado à Direção de Comissão de Trabalhadores que questionado acerca do impacto da empresa na freguesia, referiu que esta não só trouxe emprego, mas também melhorou as condições de vida em Cacia, contribuindo para uma nova imagem institucional da freguesia e assim elevar bem alto o nome da mesma a nível mundial.

Concluindo, o impacto da unidade fabril em Cacia tem de facto um papel dominador na cultura e na economia do concelho da cidade de Aveiro fortalecendo assim uma população que procura manter as suas raízes vivas perante a chegada de novos habitantes à procura de um emprego.

Bibliografia

Aveiro, Jornal Diário de. (3.05.1988), ano 21;

Aveiro, Jornal Diário de. (12.11.2009), ano 42;

Carapinheira, A. (1989). *A Vila de Cacia – Seleta de textos sobre Cacia*. Junta de Freguesia de Cacia: Cacia;

Cerqueira, E. (1989). *A Vila de Cacia – Seleta de textos sobre Cacia*. Junta de Freguesia de Cacia: Cacia;

Conde, B. (1989). *A Vila de Cacia – Seleta de textos sobre Cacia*. Junta de Freguesia de Cacia: Cacia;

Cristo, D. (1989). *A Vila de Cacia – Seleta de textos sobre Cacia*. Junta de Freguesia de Cacia: Cacia;

Doise, W. (1972). *Relations et représentations inter group in Serge Moscovici (ed). Introdução à la psychologie sociale – vol. 2*, Larouse, Paris;

Documento analítico da Junta de Freguesia de Cacia. (1990). *Trabalhadores por conta própria e conta de outrem por ramo de atividade (1990)*. Cacia;

Eficácia, Revista. (2011). *Edição Especial 30 anos 1981-2011*. Renault – Cacia, Aveiro;

Eficácia, Revista. (1999). Publicação – Março. Renault Cacia, Aveiro;

Enciclopédia Temática Ilustrada Didacta. (1997). *Língua e Literatura*. FGP, Lisboa;

Lima, J. (1968). *Os Povos do Baixo Vouga*. Câmara Municipal de Aveiro, Aveiro;

Neves, A. & Almeida, C. (1994). *Á descoberta da História*. Porto Editora, Porto;

Olins, W. (2003). *On brand*. Thames & Hudson, New York;

Póvoas, C. (1989). *A Vila de Cacia – Seleta de textos sobre Cacia*. Junta de Freguesia de Cacia. Cacia;

Proposta para elevação de Cacia à categoria de Vila. (1989). *A vila de Cacia – Seleta de textos sobre Cacia*. Junta de Freguesia de Cacia, Cacia;

Sousa, J. (2006). *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. 2ª edição. Porto;

Souto, A. (1923). *Origens da Ria de Aveiro*. Câmara Municipal de Aveiro, Aveiro;

Terpstar, V. & Sarathy, R. (2000). *International Marketing (eight edition)*. The Dryden Press, Orlando FL.

Referências da Internet

Bíblia – Biblioteca Digital dos Municípios da Ria.

Ecos de Cacia – Jornal digitalizado dos anos de 1980; 1981 e 1982

URL: <http://bibria.cm-aveiro.pt/Forms/AdvancedSearch.aspx> (consultado em 10.09.2012)

Europa. As línguas e a Europa URL: <http://europa.eu/languages/pt/home> (consultado a 9.09.2012)

Galito, Maria Sousa, 2006. Impacto Económico da Língua Portuguesa Enquanto Língua de Trabalho. URL: http://infoeuropa.euroid.pt/opac/?func=service&doc_libary=CIE01&doc_number=000040091&line_number=0001&func_code=WEB-FULL&service_type=MEDIA (consultado em 12.09.2012)

Oliveira, Lúcia Pacheco. Escolhas pedagógicas do educador e identidade cultural dos aprendizes. URL: http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v3n2/E_Lucia.pdf (consultado em 26.03.2012).

Pires, Eliane Cristine Raab. 2000. A língua inglesa: uma referência na sociedade da globalização. Bragança, Instituto Politécnico de Bragança. 2002. URL: http://portal2.ipb.pt/pls/portal/docs/PAGE/HOME_IPB/IPB_ID/IPB_ID_S_E/IPB_ID_PUBLICACOES/1_4.PDF (consultado em 6.09.2012)

Wikipedia. Francofonia.

URL: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Francofonia> (consultado em 23.03.2012)

Anexos

Anexo 1: Dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística

Fonte: INE dos anos de 1970 a 1991; consultados entre os dias 20 e 27 de Setembro de 2012.

Ano de 1970

Tabela 1: Dados relativos a habitações; alojamentos; famílias; e população, antes da implementação da Unidade Fabril:

Distritos, concelhos e freguesias	Prédios	Alojamentos	Famílias	População presente				
				HM	H	M	Variação 1960/70	
							Absoluta	Em per - centagem
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Cacia	1 276	1 308	1 226	4 637	2 207	2 430	278	6

Tabela 2: Números relativos a alojamentos; famílias; população presente e população residente por lugares:

Distrito, concelhos, freguesias e lugares	Alojamentos	Famílias	População presente	População residente
1	2	3	4	5
CACIA				
00005 - CABEÇO	89	74	298	303
00006 - CACIA	451	440	1 613	1 625
00007 - PÓVOA DO PAÇO	131	116	495	500
00008 - QUINTA DO LOUREIRO	196	186	720	723
00009 - SARRAZOLA	323	291	1 183	1 185
00010 - VILARINHO	118	116	430	433
CACIA - TOTAL	1 308	1 223	4 739	4 769

Tabela 3: População residente e presente, segundo o sexo por freguesias:

Zona geográfica	População residente			População presente		
	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7
CACIA	4 730	2 200	2 530	4 705	2 185	2 520

Tabela 4: Pessoas a viver em família; famílias e núcleos familiares e filhos nos núcleos familiares (concelho de Aveiro):

Zona geográfica	Pessoas a viver em família	Famílias						Núcleos familiares				Filhos nos núcleos familiares
		Total	De 1 pessoa	De 2 e mais pessoas			Total	Vivendo em instal. hotel. e de com vivência	Pai e mãe com ou sem filhos solteiros	Pai ou mãe com filhos solteiros		
				Total	Sem núcleos familiares	Com 1 núcleo familiar					Com 2 e mais núcleos familiares	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
AVEIRO	49 005	12 825	950	11 875	505	10 630	740	12 155	4 35	10 850	1 305	20 330

Tabela 5: População residente, com atividades económicas a exercer uma profissão, segundo a situação na profissão, por profissões e sexo, no distrito de Aveiro:

Zona geográfica Profissões Sexo	Situação na profissão									
	Total	Patrões	Isolados	Trabalhadores por conta de outrem, segundo a forma de remuneração					Trabalhadores familiares não remunerados	Outros n.e.
				Total	Ao mês	Ao dia, à semana ou quinzena	À tarefa	Outras formas		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
CONTINENTE										
DIST. DE AVEIRO										
01 FÍSICO-QUÍMICO E TECN AFINS										
-H	10			10	5	5				
-M										
02/03 ARQUITECTO ENG E AFINS	795	135	140	515	375	130	10			5
-H	40			40	30	10				
-M										
04 PILOTO OFICIAL PONTE E AFINS	140		5	135	115		10	10		
-H										
-M										
05 BIÓLOGO AGRÓNOMO E AFINS	80	5		75	65	5	5			5
-H	10			10	10					
-M										
06/07 MÉDICO TECH PARAMÉDICO	485	20	210	250	195	30	20	5		5
-H	275	10	50	215	195	15	5			
-M										
09 ECONOMISTA E AFINS	20			20	20					
-H										
-M										
11 CONTÁBILISTA	10			10	10					15
-H										10
-M										
12 JURISTA	25			25	25					
-H	150	15	55	70	70					10
-M	15			15	15					
13 PROFESSOR	475	5	5	465	460			5		
-H	170	5	25	2125	2105	20				10
-M										
14 MEMBRO DO CLERO E AFINS	230	5	50	80	25		20	35		95
-H										
-M										
15 ESCRITOR JORNALISTA E AFINS	70		10	55	15	40			5	5
-H	10			5		5			5	20
-M										
16 ESCULTOR E ARTISTA PLÁSTICO	180	20	45	110	45	60	5			5
-H	15			15	15					
-M										
17 MÚSICO PROFIS ESPECTÁCULOS	25	5	10	10		10				20
-H	10			10	5	5				30
-M										
18 ATLETA DESPORTISTA E AFINS	25			25	20			5		
-H	15			15	15					
-M										
19 PROFISSÕES CIENT LIBERAIS NZ	65			65	65					
-H	105			105	100	5				
-M										
0/1 PROFISSÕES CIENT E LIBERAIS	2 750	210	530	1 885	1 480	275	70	60	5	120
-H	2 700	15	75	2 590	2 520	65	5		10	10
-M										
20 ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	40			40	40					30
-H										
-M										
21 QUADROS SUPERIORES PRIVADOS	780	505	100	160	140	10	5	5		15
-H	40	15	5	20	15	5				5
-M										
2 QUADROS SUPERIORES	820	505	100	200	180	10	5	5		15
-H	40	15	5	20	15	5				
-M										
30 CHEFE EMPREGADOS ESCRITÓRIO	120			120	115	5				5
-H	15			15	10	5				
-M										
31 AGENTE DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	540			535	530	5				5
-H	335			335	330	5				
-M										
32 ESTENOGRÁFO E AFINS	15			15	15					
-H	125			125	120	5				
-M										
33 EMPREGADO CONTÁBIL E AFINS	1 200		10	1 185	1 145	40			5	10
-H	105			105	90	15				35
-M										
34 OPERADOR MÁQ ESCRIT E AFINS	15			15	10	5				5
-H	5			5	5					
-M										
35 CHEFE SERVIÇOS TRANS COMÚNIC	365			365	335	30				70
-H	15			15	15					15
-M										
36 CHEFE DE COMBOIO E CONDUTOR	135			135	105	30				110
-H										65
-M										

63	TRABALHADOR FLORESTAL	-H	235	..	* 25	200	* 30	165	* 5	..	* 10	..
		-M	* 20	* 20	..	* 20
64	PESCADOR CACADOR E AFINS	-H	2 825	* 15	345	2 350	955	930	* 55	..	65	* 50
		-M	* 30	* 30	..	* 25	* 5
6	AGRICULTOR PESCADOR E AFINS	-H	38 135	980	22 165	11 490	1 960	8 280	820	430	3 265	235
		-M	12 670	145	4 835	4 065	150	3 200	310	185	3 545	80
70	ENCARREGADO NA INDUSTRIA	-H	1 485	955	245	265	195	70
		-M	65	* 25	* 15	* 25	* 5	* 20
71	MINEIRO E AFINS	-H	1 030	* 10	* 25	980	790	505	..	* 20	* 15	..
		-M	* 15	* 15	* 5	* 10
72	OPERARIO PRODUCAO DOS METAIS	-H	4 240	* 20	* 55	4 150	1 170	2 965	* 10	* 5	* 15	..
		-M	765	..	* 5	760	120	640
73	OPERARIO IND MADEIRA E PAPEL	-H	6 270	* 30	85	6 130	985	5 205	* 30	* 10	* 25	..
		-M	4 485	* 10	* 15	4 420	290	4 115	* 10	* 5	* 40	..
74	CONDUTOR APARELHO IND QUIM	-H	215	215	* 55	160
		-M	* 40	..	* 5	* 35	..	* 30	* 5
75	OPERARIO DA INDUSTRIA TEXTIL	-H	1 970	* 10	* 45	1 910	220	1 690	* 5	..
		-M	2 575	..	* 50	2 520	135	2 365	* 15	* 5	* 5	..
76	CURTIDOR PELEIRO F AFINS	-H	* 25	* 25	* 5	* 20
		-M	* 35	* 35	..	* 35
77	OPERARIO IND ALIMENTACAO	-H	1 760	* 20	385	1 305	400	880	* 20	* 5	* 50	..
		-M	790	* 5	* 55	700	130	565	..	* 5	* 25	* 5
78	OPERARIO INDUSTRIA TABACOS	-H	* 5	* 5	* 5
		-M
79	ALFATE MODISTA E AFINS	-H	2 155	80	550	1 500	130	1 345	* 20	* 5	* 20	* 5
		-M	5 685	* 30	1 165	4 225	295	3 650	225	* 55	215	* 50
80	SAPATEIRO E AFINS	-H	8 030	65	510	7 370	355	6 930	80	* 5	75	* 10
		-M	4 260	* 15	* 50	4 075	170	3 860	* 30	* 15	120	..
81	CARPINTEIRO TAOEIRO E AFINS	-H	1 905	* 20	170	1 690	190	1 480	* 15	* 5	* 20	* 5
		-M	* 45	* 45	..	* 45
82	CANTEIRO E AFINS	-H	* 60	..	* 10	* 50	..	* 50
		-M
83	OPERARIO ACABAMENTO DE METAL	-H	8 020	80	435	7 405	1 460	5 900	* 25	* 20	85	* 15
		-M	355	..	* 15	340	* 25	315
84	AJUSTADOR-MONTADOR E AFINS	-H	1 735	* 40	155	1 535	485	1 035	* 5	* 10	* 5	..
		-M	* 45	* 45	* 5	* 40
85	ELECTROTECNICO E AFINS	-H	1 630	* 10	115	1 505	730	760	* 10	* 5
		-M	80	80	* 30	* 50
86	OPERADOR ESTACAO RADIO AFINS	-H	* 15	* 15	* 15
		-M
87	CANALIZADOR SOLDADOR E AFINS	-H	2 875	* 30	260	2 570	470	2 090	* 10	..	* 15	..
		-M
88	JOALHEIRO OUVIVES E AFINS	-H	* 45	..	* 20	* 25	* 5	* 20
		-M
89	VIDREIRO OLEIRO E AFINS	-H	2 970	* 15	* 20	2 930	565	2 350	* 5	* 10	* 5	..
		-M	1 015	..	* 20	985	240	745	* 10	..
90	OPERARIO IND BORRACHA PLAST	-H	310	310	* 10	300
		-M	115	115	* 10	105
91	OPERARIO IND ART PAPEL AFINS	-H	* 60	..	* 5	* 55	* 10	* 45
		-M	315	305	* 10	295	* 10	..
92	GRAVADOR ARTE GRAFICA AFINS	-H	675	* 25	* 20	625	105	510	* 5	* 5	* 5	..
		-M	145	140	* 20	120	* 5	..

93	PINTOR EXCEPTO VIDRO CERAMIC.	-H	1 550	* 15	155	1 365	215	1 140	* 10	..	* 15	..
		-H	* 35	* 35	* 5	* 30
94	OPERARIO PRODUCAO E AFINS NE	-H	2 420	..	70	2 340	370	1 965	* 5	..	* 10	..
		-H	1 470	..	* 10	1 455	125	1 330	* 5	..
95	PEDREIRO ESTUCADOR E AFINS	-H	16 560	345	1 310	14 755	1 570	13 040	100	* 45	125	* 25
		-H	165	160	* 15	145	* 5
96	CONDUTOR MAQ INSTALACAO FIXA	-H	270	..	* 5	265	110	150	* 5
		-H	* 5	* 5	* 5
97	ESTIVADOR EMBALADOR E AFINS	-H	795	* 10	* 35	745	275	445	* 20	* 5	* 5	..
		-H	680	680	95	570	* 15
98	CONDUTOR MAQ TRANSP E AFINS	-H	4 620	* 30	355	4 205	2 010	2 080	85	* 30	* 30	..
		-H	* 50	..	* 10	* 40	* 25	* 15
99	TRABALHADOR N/ ESPECIALIZADO	-H	230	..	* 40	190	70	100	* 15	* 5
		-H	70	65	* 20	* 45	* 5
7/8/9	OPERARIO NAO AGRICOLA	-H	73 930	1 410	5 100	66 435	12 475	63 230	540	190	525	* 60
		-H	23 305	85	1 415	21 305	1 780	19 140	300	85	435	65
X1	PESSOA PROCURA PRIM.EMPREGO	-H	* 15	* 15	* 5	* 10
		-H
X2	TRABALHADOR DECLARACAO INSUF	-H	3 165	* 25	320	2 400	820	1 555	* 15	* 10	* 15	* 5
		-H	1 025	* 30	* 25	960	250	680	* 25	* 5	* 10	..
X3	PESSOA NAO DECLARA PROFISSAO	-H	1 970	* 5	350	1 115	390	675	* 30	* 20	85	* 15
		-H	1 390	* 10	415	740	210	490	* 30	* 10	170	* 5
X4	FORCAS ARMADAS	-H	420	420	410	..	* 10
		-H
X	TRABALHADOR NAO CLASSIFICADO	-H	5 170	* 30	670	3 950	1 625	2 240	* 55	* 30	100	* 20
		-H	2 365	* 40	440	1 700	460	1 170	* 55	* 15	180	* 5

Tabela 6: População residente, com atividades económicas a exercer uma profissão, segundo a situação na profissão, por ramos de atividade e sexo, no distrito de Aveiro:

Zona geográfica	Ramos de Actividade	Sexo	Situação na profissão								
			Total	Patrões	Isolados	Trabalhadores por conta de outrem, segundo a forma de remuneração				Trabalhadores familiares não remunerados	Outros n.e.
						Total	Ao mês	Ao dia, à semana ou à quinzena	À tarefa		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
CONTINENTE											
DIST. DE AVEIRO											
111 AGRICULTURA E PECUARIA	-H	34 730	945	21 695	8 725	950	7 015	395	365	3 180	185
	-M	12 600	145	4 840	3 985	370	3 105	320	190	3 550	80
112 SERVICOS RELAC AGRICULTURA	-H	110	..	* 20	90	* 25	* 45	* 20
	-M	* 15	* 15	* 5	* 5	* 5
11 AGRICULTURA E CACA	-H	34 840	945	21 715	8 815	975	7 060	415	365	3 180	185
	-M	12 615	145	4 840	4 000	375	3 110	325	190	3 550	80
121 SILVICULTURA	-H	90	..	* 10	80	* 20	* 60
	-M	* 25	* 25	* 5	* 20
122 EXPLORACAO FLORESTAL	-H	170	..	* 25	140	* 30	110	* 5	..
	-M	* 45	* 45	* 5	* 40
12 SILVICULTURA EXPLORACAO FLORESTAL	-H	260	..	* 35	220	* 50	170	* 5	..
	-M	70	70	* 10	* 60
130 PESCA	-H	3 855	* 25	375	3 140	1 450	1 165	445	* 60	65	* 50
	-M	255	255	* 40	200	* 5	* 10
1 AGRICULTURA SILV CACA PESCA	-H	38 755	970	22 125	12 175	2 475	8 395	880	425	3 250	235
	-M	12 940	145	4 840	4 325	425	3 370	330	200	3 550	80
210 EXTRACCAO DO CARVAO	-H	410	..	* 5	405	250	155
	-M	* 10	* 10	* 5	* 5
220 PROD PETROLEO BRUTO GAS NAT	-H	270	270	110	155	* 5
	-M	* 10	* 10	* 5	* 5
230 EXTRACCAO MINERIOS METALICOS	-H	* 55	* 5	..	* 50	* 15	* 35
	-M
290 OUTRAS IND EXTRACTIVAS	-H	615	* 10	* 30	550	130	335	65	* 20	* 25	..
	-M	* 20	* 20	* 5	* 15
2 INDUSTRIAS EXTRACTIVAS	-H	1 350	* 15	* 35	1 275	505	680	70	* 20	* 25	..
	-M	* 40	* 40	* 15	* 25
311/12 INDUSTRIAS DA ALIMENTACAO	-H	2 085	* 55	320	1 655	540	1 080	* 25	* 10	* 45	* 10
	-M	1 105	* 15	* 50	1 020	175	825	* 20	..	* 15	* 5
313 INDUSTRIAS DAS BEBIDAS	-H	285	* 5	* 10	270	145	120	* 5
	-M	140	140	* 55	85
314 INDUSTRIA DO TABACO	-H	* 45	* 45	* 5	* 40
	-M	* 25	..	* 5	* 20	..	* 20
31 IND ALIMENT BEBIDAS TABACO	-H	2 415	* 60	330	1 970	690	1 240	* 30	* 10	* 45	* 10
	-M	1 270	* 15	* 55	1 180	230	930	* 20	..	* 15	* 5
321 INDUSTRIAS TEXTEIS	-H	2 595	65	80	2 435	360	2 065	* 10	..	* 15	..
	-M	3 940	* 10	210	3 700	260	3 350	70	* 20	* 10	* 10
322 FAB ART VEST EXCEPTO CALCADO	-H	1 700	120	535	1 020	180	820	* 15	* 5	* 15	* 10
	-M	3 495	* 30	670	2 630	230	2 245	130	* 25	145	* 20
323 IND CURT ART COURO EXCP CALC	-H	170	* 40	* 15	115	* 30	85
	-M	125	125	* 5	120
324 FAB CALCADO EXCP BARR PLAST	-H	6 290	455	180	5 610	500	5 075	* 25	* 10	* 40	* 5
	-M	3 610	* 5	* 40	3 450	230	3 180	* 30	* 10	115	..
32 IND TEXTEIS VESTUARIO COURO	-H	10 755	680	810	9 180	1 070	8 045	* 50	* 15	70	* 15
	-M	11 170	* 45	920	9 905	725	8 895	230	* 55	270	* 30

951 SERVICOS DE REPARACAO	-H	4 970	150	580	4 180	675	3 455	* 45	* 5	* 55	* 5
	-M	730	* 15	* 5	710	95	615	**	**	**	**
952 LAVANDARIAS E TINTURARIAS	-H	* 5	**	**	* 5	* 5	**	**	**	**	**
	-M	70	**	* 5	* 55	* 20	* 35	**	**	* 10	**
953 SERVICOS DOMESTICOS	-H	195	**	* 5	190	130	* 45	**	* 15	**	**
	-M	4 350	**	125	4 155	3 255	730	**	95	* 75	* 30
959 SERVICOS PESSOAIS DIVERSOS	-H	685	* 40	360	260	100	120	* 25	* 15	* 20	* 5
	-M	950	* 10	395	450	190	220	* 25	* 15	80	* 15
95 SERVICOS PESSOAIS DOMESTICOS	-H	5 855	190	945	4 635	910	3 620	70	* 35	75	* 10
	-M	6 100	* 25	530	5 370	3 560	1 600	120	90	120	* 55
960 ORGAN INTERNAC EXTRATERRITOR	-H	* 40	**	**	* 40	* 40	**	**	**	**	**
	-M	**	**	**	**	**	**	**	**	**	**
9 SERV PRESTADOS COLECTIVIDADE	-H	11 400	240	1 265	9 680	5 310	4 135	135	100	85	130
	-M	10 145	* 30	540	9 345	7 350	1 775	130	90	125	65
000 ACTIVIDADES MAL DEFINIDAS	-H	3 700	110	540	2 900	1 235	1 595	* 45	* 25	95	* 15
	-M	1 980	* 10	440	1 335	535	745	* 40	* 15	185	* 10

Ano de 1980

Tabela 7: Números relativos a População residente; população presente; famílias; núcleos familiares; alojamentos e edifícios:

ZONA GEOGRAFICA	POP. RESIDENTE			POP. PRESENTE			FAMIL		NUCLE		ALOJAMENTOS			EDIF.	
	HH	H	M	HM	H	M	RESID	FAMIL	TOTAL	CLASS	OUTROS	EDIF.	EDIF.		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	12		
Cacia	5642	2786	2856	5643	2796	2847	1517	1545	1742	1726	16	1639			

Tabela 8: Alojamentos familiares e coletivos, ocupados, segundo o tipo de alojamento no concelho de Aveiro:

ZONA GEOGRAFICA	ALOJAMENTOS									
	TOTAL	TOTAL	CLAS-	BAR-	CASAS	MOVEIS	INPRO-	OUTROS	HOTEIS	CONVI-
ALOJAMENTOS, FAMILIAS, NUCLEOS FAMILIARES E PESSOAS RESIDENTES	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
AVEIRO										
NUMERO DE ALOJAMENTOS	178550	178293	176322	477	275	495	714	10	94	163
NUMERO DE FAMILIAS	164159	164013	162557	459	241	45	701	10	146	-
NUMERO DE NUCLEOS FAMILIARES	159231	159172	158008	355	213	43	550	3	59	-
NUMERO DE RESIDENTES	622988	621667	616787	1605	944	231	2082	18	329	992

Ano de 1990

Tabela 10: População residente; população presente; famílias; núcleos familiares; alojamentos e edifícios por freguesia:

Zona Geográfica	População Residente			População Presente			Famílias		Núcleos Familiares Residentes	Alojamentos Familiares			Alojamentos Colectivos	Edifícios
	HM	H	M	HM	H	M	Clássicas Residentes	Institucionais		Total	Clássicos	Outros		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Cacia	6527	3237	3290	6523	3229	3294	1997	1	1891	2312	2310	2	6	2072

Tabela 11: População residente em 1981 e 1991, segundo grupos etários e lugares com 2000 ou mais habitantes e população com atividade económica:

Zona Geográfica	População Residente							População com Actividade Económica					
	Em 1981	Em 1991						Total	Com menos de 25 anos	Empregada			
		Total	Lugares $≥ 2000$ ou mais Hab.	Grupos Etários						Total	CAE 0	CAE 1 - 4	CAE 5 - 9
				0 - 14	15 - 24	25 - 64	65 ou mais						
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	
Aveiro	60284	66444	39079	13491	10992	34421	7540	31950	6122	30448	1597	11264	17587

Tabela 12: População residente economicamente segundo a condição perante o trabalho e sexo; taxas de atividade e desemprego por concelho:

Zona Geográfica	Empregada		Desempregada						Taxa de Actividade (%)			Taxa de Desemprego (%)		
			Total		Procura do 1º emprego		Procura de novo emprego							
	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	M	HM	H	M
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Aveiro	30448	17583	1501	517	356	117	1145	400	48,1	56,6	40,2	4,7	2,9	7,1

Anexo 2 – Guião para entrevista para o representante do Poder Político e Social

1- Cacia é considerada a freguesia mais velha do Concelho de Aveiro. Pergunto ao Sr. se concorda ou não com esta afirmação e porquê?

2- Através de obras publicadas e da imprensa escrita feita e tematicamente sobre Cacia, a vila teve pessoas de grande importância na defesa e na conservação do seu património cultural Caciense. Hoje há as associações recreativas e culturais que ajudam a demonstrar esse património. Como tem sido com a chegada de novos habitantes? Estes têm tido algum interesse pela freguesia e têm o demonstrado?

3- Para a contribuição do bom nome de Cacia e para o seu desenvolvimento, desde muito cedo se instalaram empresas importantes. O maior exemplo é da Portucel, que a população de Cacia deu um enorme contributo. Seguiu-se a FAP e a Metalúrgica Casa, infelizmente já extintas. Mas surgiram três importantes unidades fabris na freguesia, a Vulcano, Renault e Funfrap. Será Cacia fonte de mão-de-obra com vontade de trabalhar?

4- Com várias indústrias implementadas na freguesia, considera que Cacia seja reconhecida como um Centro Empresarial do Concelho de Aveiro?

5- Com a implementação da Renault e o início da sua produção em 1981, este foi considerado um empreendimento benéfico para a freguesia? Porquê?

6- Por ter sido um investimento estrangeiro, qual foi o impacto junto da população? Houve dificuldades culturais, como por exemplo na língua?

7- Já vão 30 anos de existência da unidade fabril Renault em Cacia. Por ser o representante máximo dos cidadãos da freguesia de Cacia, descreva o antes e o depois da implementação da empresa - o que mudou ao longo dos 30 anos?

8- Dadas as circunstâncias da atualidade sobre o tema da crise mundial, e apesar de ser cada vez mais discutido o assunto sobre emprego, acha que a fábrica irá permanecer muitos anos por Cacia? Porquê?

9- Na sua opinião, as unidades fabris residentes em Cacia fazem elas parte da entidade cultural da freguesia, dando assim uma imagem institucional da freguesia. De onde vem a atracção de investir em Cacia?

Anexo 3 – Guião para entrevista para o Representante do Poder Empresarial e da Comissão de Trabalhadores da Renault - Cacia

1- Qual foi a razão da Renault implementar uma unidade fabril em Cacia?

2- Com a chegada da empresa e com o início das suas atividades, a empresa teve necessidade de recrutar mão-de-obra a vários sectores, nomeadamente ao primário, como foi instaurado o processo de aprendizagem para os novos trabalhadores? Tiveram formação necessária?

3- A nível de linguística, sendo uma multinacional francesa, acha que os trabalhadores sentiram dificuldades na adaptação do português para francês?

4- Em 30 anos de existência, a unidade fabril veio modificar a freguesia de Cacia nos aspetos sociais e económicos. Na sua opinião, a nível cultural, a empresa sempre se mostrou preocupada com as raízes culturais da freguesia/concelho?

5- O que foi feito para manter sempre essa ligação?

6- Sobre a administração fabril e do seu diretor executivo, nem sempre foram portugueses a tomar conta da empresa. Houve alguma dificuldade em a administração passar a sua comunicação para os trabalhadores, uma vez que se falava e discursava em francês?

7- A formação contínua de aspetos mais técnicos tem sido e é fundamental para os operadores. Desde o início das funções da fábrica houve ou há formação a nível da aprendizagem da língua estrangeira?

Anexo 4: Resultados das entrevistas feitas ao representante do Poder Político e Social

Anexo 4.1.: Transcrição da entrevista com o representante do Poder Político e Social

Pergunta - Cacia é considerada a freguesia mais velha do Concelho de Aveiro.

Pergunto ao Sr. Presidente se concorda ou não com esta afirmação e porquê?

Representante do poder político e social – Estou de total acordo com a sua questão. Cacia é na verdade conhecida, por vários autores de obras sobre o concelho de Aveiro, como a “avozinha de Aveiro”. Quem sempre defendeu essa teoria de antiguidade da Vila de Cacia e que publicou obras importantes sobre esse fato foi Dr. Alberto Souto. Ele compilou várias provas que Cacia já provinha dos tempos dos Romanos. Após a queda do Império Romano e a quando da reconquista cristã, o conde D. Henrique e sua mulher D. Teresa formalizaram em documento no ano de 1106 doando metade da nossa vila ao Mosteiro de Lorvão. Portanto, Cacia sendo considerada a freguesia mais antiga do conselho de Aveiro, é um fato veredito e que serve de base para vários estudos.

Pergunta - Através de obras publicadas e da imprensa escrita feita e tematicamente sobre Cacia, a vila teve pessoas de grande importância na defesa e na conservação do seu património cultural Caciense. Hoje há as associações recreativas e culturais que ajudam a demonstrar esse património. Como tem sido com a chegada de novos habitantes? Estes têm tido algum interesse pela freguesia e têm o demonstrado?

Representante do Poder Político e social – Muita gente não sabe, mas os verdadeiros Cacienses, os mais antigos especialmente sabem bem que tivemos pessoas muito importantes na freguesia e que escreveram muito sobre a nossa vila. Um deles foi o Conselheiro Dr. Manuel Nunes da Silva que era conhecido como o Homo Perfectus, fez com que a sua terra natal usufruísse de apeadeiro ferroviário; luz elétrica; escola; e arruamentos. Um bocado antes do Conselheiro Dr. Manuel Nunes da Silva e que foi um poeta magnífico era Venâncio da Silva Matos, escreveu bastantes poemas sobre a vila e o rio Vouga. Hoje temos o jornal da freguesia, Ecos de Cacia e o Rancho Folclore de Cacia. São dois pilares fundamentais de demonstrar a identidade da nossa freguesia a pessoas que não são de cá. Voltando à sua pergunta, com a chegada de novos habitantes

notou-se que tem havido pouca adesão aos nossos eventos culturais, apenas contamos mais com as pessoas mais antigas.

Pergunta - Para a contribuição do bom nome de Cacia e para o seu desenvolvimento, desde muito cedo se instalaram empresas importantes. O maior exemplo é da Portucel, que a população de Cacia deu um enorme contributo. Seguiu-se a FAP e a Metalúrgica Casal, infelizmente já extintas. Mas surgiram três importantes unidades fabris na freguesia, a Vulcano, Renault e Funfrap. Será Cacia fonte de mão-de-obra com vontade de trabalhar?

Representante do Poder Político e social – Referiu um ponto muito importante e que desde já o felicito pela questão colocada. Cacia não é só apenas as empresas que aqui estão. Cacia sempre foi uma vila de pessoas que apenas se agarravam ao trabalho. Tanto nas fábricas como nas suas ocupações fora da fábrica, como na agricultura ou na pesca no Rio Vouga. O meu irmão mais velho foi um exemplo disso, de manhã tratava do gado e da agricultura e ao final da tarde com a roupa desse trabalho ia para a Portucel trabalhar. Quem fala do meu irmão fala de muita gente daqui de Cacia que lá trabalhou. A empresa empregou 2000 trabalhadores, maior parte deles residentes e naturais daqui da vila. Durante esse tempo, outras indústrias chegaram a Cacia, a FAP chegou no início dos anos 60. Era pequena na altura, mas foi ganhando projeção na vila pois muita gente que não era da Cacia começou a trabalhar e a viver por cá. Esse começou a ser a causa de chegada de novos habitantes, das indústrias, e da mão-de-obra. Foi a partir desse ano que começou haver aumentos de população, residências e de infraestruturas, embora poucas.

Pergunta - Com várias indústrias implementadas na freguesia, considera que Cacia seja reconhecida como um Centro Empresarial do Concelho de Aveiro?

Representante do Poder Político e social – Considero que sim, e tem tendência para aumentar. Embora note-se que a crise mundial abrande algum investimento das multinacionais. Isto para lhe dizer o seguinte, a chegada dessas indústrias foram vistos com um forte investimento dos nossos governantes. Não foi por acaso que muitas dessas multinacionais se instalaram por cá. O nosso distrito deve muito aos antigos governantes, pois sempre reconheceram que o distrito de Aveiro é um verdadeiro motor na economia nacional. O caso de Cacia, deve-se sobretudo à proximidade do Porto Marítimo de Aveiro e às distâncias com a cidade do Porto e com Espanha, mais tarde aperfeiçoou-se as redes rodoviárias e as infraestruturas.

Pergunta - Com a implementação da Renault e o início da sua produção em 1981, este foi considerado um empreendimento benéfico para a freguesia? Porquê?

Representante do Poder Político e social – A chegada da fábrica da Renault a Cacia, especialmente ao distrito de Aveiro, foi vista como um forte investimento na nossa região e na nossa freguesia. Recordo-me que a empresa não era para ficar cá. Sabe-se que administração da Renault Francesa estava decidida a abrir a unidade fabril em Castelo Branco. Mas depois com estudos sobre impactos na região de Castelo Branco terem dado resultados aquém das expectativas colocou-se o nome de Cacia. Pois as instalações da antiga fábrica de automóveis portugueses (FAP) iriam servir como instalações da Renault. Não foi apenas esse o motivo que a administração se decidiu implementar a empresa aqui. Também foi o facto da proximidade com o Porto Marítimo, e essencialmente a forte indústria que era e é o nosso distrito. Na verdade estes foram os maiores motivos com que a Renault viesse para Cacia e por cá ainda se mantém. Foi inteiramente benéfico para a população toda em geral, trouxe muitos postos de trabalho e a população aumentou mesmo muito.

Pergunta - Por ter sido um investimento estrangeiro, qual foi o impacto junto da população? Houve dificuldades culturais, como por exemplo na língua?

Representante do Poder Político e social – Muito se deve com o efeito do 25 de Abril de 1974. Abriu-se um novo capítulo na economia portuguesa, é certo que estávamos muito mal economicamente, e não havia qualquer investimento estrangeiro no nosso país. Depois disso e com o início dos anos 80 começou haver capitalização estrangeira no nosso país, nomeadamente no nosso distrito. A Renault em Cacia foi vista como um grande acontecimento histórico pela razão de ser uma empresa internacional e por ser um investimento que o governo português fosse tirar partido. O maior impacto criado, e que não tenha dúvidas sobre isso, foi a criação de inúmeros empregos. Havia uma empresa que estava prestes a fechar, a Metalúrgica Casal, e muitos trabalhadores, devido ao descontentamento em que essa empresa se encontrava, empregaram-se na Renault. A população de Cacia viu o projeto da Renault em Cacia como uma prova que a freguesia é sem dúvida um verdadeiro centro empresarial do concelho e do Distrito. Por outro lado, quero referir que os administradores da Renault, quando se deslocaram a Cacia, antes do início da sua atividade depararam que o problema não era na língua ou cultura, mas nos deficientes acessos às instalações fabris. Não houve qualquer dificuldade cultural, apenas houve admiração da população por esta

ser uma empresa estrangeira a operar em Cacia. Inclusivamente referia que era a empresa “avec” devido aos franceses.

Pergunta - Já vão 30 anos de existência da unidade fabril Renault em Cacia. Por ser o representante máximo dos cidadãos da freguesia de Cacia, descreva o antes e o depois da implementação da empresa - o que mudou ao longo dos 30 anos?

Representante do Poder Político e social – Bem, muito resumidamente. O antes da chegada da Renault a Cacia a freguesia era muito pobre a nível de infraestruturas, saneamento, o tráfego era pouco, a população ainda não era muita, e as condições de algumas famílias ainda eram más. Com a chegada da empresa, começou haver mudanças significativas na freguesia, a rede de estradas e arruamentos foi alargada e melhorada, bem como o saneamento, chegaram novos habitantes contribuindo para o aumento da população e residências. Talvez o maior problema que tivemos que nos habituar, como cidadãos da freguesia de Cacia, foi o aumento da poluição e do tráfego. O tráfego na nossa freguesia tem sido um problema muito delicado de se resolver, há cada vez mais acidentes e por vezes mortais. Essencialmente, em 30 anos de existência da empresa em Cacia, apenas quero mencionar que tem um saldo muito positivo devido à criação de postos de trabalho. Não trouxe turistas, mas trouxe investimento para o país e prestígio para o nome de Cacia.

Pergunta - Dadas as circunstâncias da atualidade sobre o tema da crise mundial, e apesar de ser cada vez mais discutido o assunto sobre emprego, acha que a fábrica irá permanecer muitos anos por Cacia? Porquê?

Representante do Poder Político e social – Isso é uma questão que não me compete responder, pois não sou da administração. Posso sim dar-lhe uma opinião como um cidadão e um natural de Cacia. A verdade é que vivemos tempos difíceis, e cada vez o cenário parece ser mais negro, nomeadamente sobre o emprego. As indústrias aqui de Cacia, principalmente as grandes, vivem muito disso e estão expostas a esses climas devido à economia. Como a fábrica da Renault está em atividades há 30 anos, creio que não é agora que irá fechar as portas ao fim de tantos anos. Apenas pode laboral com mais ou menos trabalhadores, mas continua em atividades. Eu quero dizer que também não está livre de fechar as portas, mas não vejo esse cenário acontecer, seria uma enorme perda para a nossa freguesia.

Pergunta - Na sua opinião, as unidades fabris residentes em Cacia fazem elas parte da entidade cultural da freguesia, dando assim uma imagem institucional da freguesia. De onde vem a atração de investir em Cacia?

Representante do Poder Político e social – Penso que já tenha respondido a uma questão semelhante a essa que me coloca. Essa imagem foi criada através do povo de Cacia. Um povo que sempre se dedicou ao trabalho para poder viver. Outra razão tem a ver com um poder muito forte do nosso distrito em termos de indústria, de todo o tipo. Faço das suas palavras as minhas, Cacia é o “Centro Comercial de Aveiro”.

Anexo 4.2.: Representante do poder de empresa e da Comissão de Trabalhadores da Renault - Cacia.

Pergunta - Qual foi a razão da Renault implementar uma unidade fabril em Cacia?

Representante do poder empresarial – A principal razão da Renault se instalar em Cacia, prende-se com o facto das antigas instalações pertencerem à Fábrica de Automóveis Portugueses (FAP) e de aproveitar ao máximo essa mão-de-obra para aplicarem nas atividades da Renault. A administração da Renault ao início estava com ideias de abrir uma segunda fábrica em Castelo Branco. Mas dada as dificuldades que lá encontraram e da fraca indústria lá presente tiveram o conhecimento de Cacia e aqui se manteve até aos dias de hoje.

Pergunta - A nível de linguística, sendo uma multinacional francesa, acha que os trabalhadores sentiram dificuldades na adaptação do português para francês?

Representante do poder empresarial – Ao início muitos trabalhadores receavam que não conseguiam emprego devido à empresa ser uma multinacional. Também vivíamos numa altura em que a formação a nível de línguas e culturas era pouca ou nenhuma. Depois com a fase de recrutamento de trabalhadores para a fábrica a própria administração fez um gesto muito simbólico, abriu cursos de iniciação ao Francês e estabeleceu contactos com outras empresas em França, uma espécie de intercâmbio cultural, se assim posso referir. A prova era que os trabalhadores de Cacia pudessem visitar outras instalações fabris do grupo. Isto foi um gesto muito simbólico da empresa e que ainda hoje se mantém, é manter o contacto com outras culturas e de alguma forma mostrar a realidade vivida numa outra empresa instalada num país diferente. Claro que há muitas diferenças.

Pergunta - Em 30 anos de existência, a unidade fabril veio modificar a freguesia de Cacia nos aspetos sociais e económicos. Na sua opinião, a nível cultural, a empresa sempre se mostrou preocupada com as raízes culturais da freguesia/concelho?

Representante do poder empresarial – A chegada da Renault a Cacia veio incidir numa altura muito importante da nossa História como cidadãos portugueses. Apenas 7 anos antes tinha dado o 25 de Abril, o país quase que entrou numa guerra civil e nós não tínhamos qualquer investimento estrangeiro no país. Os anos 80 foram marcados com a entrada do nosso país na antiga CEE em 1987 e a partir daí tudo mudou. A fábrica em

Cacia modificou e muito a freguesia, chegou muita mão-de-obra de vários sítios, até da cidade do Porto vinham trabalhar para cá, muitas famílias se instalaram em Cacia e o impacto da fábrica foi enorme em todos os aspetos. Posso garantir que a administração sempre se mostrou profundamente preocupada com as raízes culturais da freguesia, todos os anos faz o dia aberto à comunidade, mostrando assim as instalações fabris à população que deu “abrigo” à instituição Renault.

Pergunta - O que foi feito para manter sempre essa ligação?

Representante do poder empresarial – Dando continuidade à minha resposta anterior. A fábrica quando começou a operar a comunidade ao início aceitou muito a empresa. Foi quase uma espécie de festa com tanta hospitalidade se criou em torno da empresa. A verdade é que a empresa deve muito à freguesia de Cacia e a freguesia deve muito à empresa. É por essa razão que a empresa deixou por uns anos ter o nome de Renault para dar lugar ao nome de C.A.C.I.A. (Companhia Aveirense de Componentes Industriais para Automóvel) e agora dar novamente o nome de Renault. Mas aqui são estratégias da empresa e que aqui não servem para nada serem mencionadas. Só para referir que a cultura da freguesia deve ser mantida sempre nas instalações fabris, com a divulgação de associações culturais da freguesia onde a comunidade fabril pode tomar conhecimento o que é realmente Cacia e as suas gentes.

Pergunta - Sobre a administração fabril e do seu diretor executivo, nem sempre foram portugueses a tomar conta da empresa. Houve alguma dificuldade em a administração passar a sua comunicação para os trabalhadores, uma vez que se falava e discursava em francês?

Representante do poder empresarial – A administração fabril por ser francesa não teve qualquer problema de comunicação para com os seus colaboradores. No entanto, também, na divulgação de desenhos técnicos não houve dificuldades em se perceber. Não houve problemas com a adaptação à língua francesa dos nossos técnicos, pois as instruções ou desenhos estavam todos eles documentados em francês. Creio que nunca houve problemas com a língua francesa nas nossas instalações fabris. Inclusivamente os antigos diretores tinham muito gosto em aprender para discursar em português, nós como país acolhedor víamos isso como um bom motivo.

Pergunta - A formação contínua de aspetos mais técnicos tem sido e é fundamental para os operadores. Desde o início das funções da fábrica houve ou há formação a nível da aprendizagem da língua estrangeira?

Representante do poder empresarial – No começo ainda não havia formação para os nossos trabalhadores, surgiu um ano depois do início das atividades. Era de extrema importância dar formação aos colaboradores. Como a empresa adquiriu empregados ainda da antiga fábrica da FAP viu que não seria importante dar formação a esses trabalhadores. No entanto, com vários problemas adquiridos na administração de uma outra empresa ligada ao ramo da mecânica e da metalúrgica, a Casal, muitos trabalhadores e uma boa parte de engenheiros dessa empresa vieram a ser empregues na Renault. Ou seja, acabou por ser muito benéfico para a Renault a chegada desses novos trabalhadores. Aliás, o fecho da Metalúrgica Casal foi a sorte da Renault, pois acabou por não fazer nada para procurar essa mão-de-obra qualificada. Como já havia referido, depois da abertura do Centro de Formação Técnica a ideia de ensinar aos trabalhadores uma ou mais línguas estrangeiras começou por ser uma ideia pouca atrativa. Para atrair os trabalhadores a empresa criou intercâmbios com outras empresas do mesmo grupo para que pudessem conhecer outras culturas e viverem por uns dias no estrangeiro. Essa iniciativa ainda hoje se permanece.